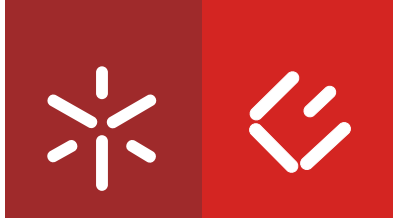


Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão

Marta Sofia Lobo Dantas

**Análise visual da construção da identidade
profissional do contabilista**



Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão

Marta Sofia Lobo Dantas

**Análise visual da construção da identidade
profissional do contabilista**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Contabilidade

Trabalho efetuado sob a orientação da
Doutora Delfina Rosa da Rocha Gomes

DECLARAÇÃO

Nome: MARTA SOFIA LOBO DANTAS

Endereço eletrónico: martasofialobodantas@gmail.com

Título da Dissertação de Mestrado:

Análise visual da construção da identidade profissional do contabilista

Orientadora:

Doutora Delfina Rosa da Rocha Gomes

Ano de conclusão:

2017

Designação do Mestrado:

Mestrado em Contabilidade

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE AUTORIZAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, / /

Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço...

À minha orientadora, a Professora Doutora Delfina Gomes, por todo o apoio, toda a disponibilidade, toda a compreensão e incentivo e todo o conhecimento partilhado. Muito, muito obrigada.

Aos participantes, que tive o prazer de entrevistar e sem os quais este trabalho não seria possível. Obrigada a todos pelo tempo que dedicaram a este estudo e pelo carinho com que decidiram ajudar.

À minha família, pelo amor incondicional, por estarem sempre comigo, por acreditarem em mim... Obrigada Mãe, Obrigada Pai e, especialmente, obrigada minha irmã.

A todos os meus amigos, por me ouvirem, por se preocuparem, por me motivarem, por acreditarem em mim. Obrigada a todos... Mas, em especial, à Isabel por partilhar comigo esta caminhada, ao Tomás pela ajuda e disponibilidade. E ao Cristiano pela insistência e pelo desejo de ver esta dissertação terminada.

Aos meus colegas de trabalho (Álvaro, Armanda, Manuel, Sara B. e Sara P.) que são também meus amigos, mas aos quais reforço o agradecimento, por todo o apoio, ajuda e incentivo. E ao meu chefe por tudo quanto tenho aprendido.

Aos meus professores do Mestrado em Contabilidade pelos conhecimentos transmitidos ao longo do curso e, aos meus colegas pelo experiência partilhada. Muito Sucesso a todos.

À Universidade do Minho, enquanto instituição que tão bem acolhe os seus alunos e, em especial, à Escola de Economia e Gestão.

Obrigada!

Resumo

O presente estudo aborda a problemática da construção da identidade profissional do contabilista, de forma a contribuir para o melhor conhecimento deste grupo de profissionais.

O objetivo geral desta pesquisa é estudar o processo de construção da identidade do contabilista e quais as dimensões que este grupo de profissionais valoriza na construção da sua identidade profissional. Adicionalmente, os objetivos específicos visam analisar as informações observadas por meio das respostas sobre percepções intrínsecas ao género, experiência profissional e idade dos participantes.

A metodologia adotada enquadra-se no paradigma qualitativo, de carácter interpretativo, complementado com a utilização da metodologia visual, mais especificamente, a auto-fotografia. A amostra é constituída por doze contabilistas, que divergem em termos de experiência profissional, idade e género. As técnicas que suportam este estudo são a análise visual de fotografias e a entrevista semi-estruturada.

A análise das fotografias dos participantes permitiu concluir que o contabilista, ao fazer uma representação de si mesmo, associa o seu local de trabalho, assim como as ferramentas e materiais de escritório, que utiliza diariamente. Na construção da sua identidade profissional, os participantes acreditam que os valores intrínsecos à sua personalidade e carácter são de especial importância e realçam a formação e a experiência que adquirem na resolução dos problemas que surgem no dia-a-dia como as fases que mais contribuem para o seu desenvolvimento profissional. Caracterizam-se a si mesmos como responsáveis, honestos, organizados e bons conselheiros.

Não foram encontradas evidências que permitam retirar conclusões intrínsecas ao género, à faixa etária e à experiência profissional dos participantes.

Palavras-chave: Contabilista; Identidade; Identidade Profissional; Imagem; Fotografia

Abstract

The present study addresses the problematic of the professional identity construction of the accountant, in order to contribute to a better understanding of this group of professionals.

The main goal of this research is to study the process of identity construction of the accountant and which dimensions this group of professionals values in the construction of their professional identity. In addition, the specific objectives aim to analyze the information observed through the answers regarding the perceptions intrinsic to gender, professional experience and participant's age.

The adopted methodology is positioned within the interpretative and qualitative paradigm, complemented with the use of visual methodology, more specifically, self-photography. The sample is composed by twelve accountants, who differ in terms of professional experience, age and gender. The techniques that support this study are the visual analysis of photographs and the semi-structured interview.

The participant's photo analysis allowed to conclude that the accountant, when doing a representation of himself, associates his place of work and the office tools and materials of daily use. In the construction of their professional identity, the participants believe that the intrinsic values to their character and personality represent particular importance. The participants also highlight the qualification and experience they acquire by solving everyday problems that arise, as well as the phases that contribute most for their professional development. They characterize themselves as responsible, honest, organized and capable to give good advice.

No evidence was found that allow to draw conclusions intrinsic to gender, age group and professional experience of the participants.

Key Words: Accountant; Identity; Professional Identity; Image; Photography.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Abreviaturas	xi
Índice de imagens	xiii
Índice de tabelas	xv
Índice de apêndices	xvii
Capítulo I - Introdução	1
1.1.Relevância e justificação do estudo	1
1.2.Objetivos e perguntas de partida.....	3
1.3. Metodologia de investigação	4
1.4. Estrutura da dissertação	6
Capítulo II – Revisão de Literatura	9
2.1. Fotografia – História e importância	9
2.1.1. Photovoice, photo-elecitação, Etnografia e Auto-fotografia.....	13
2.1.2. Potencialidades e limitações do uso da fotografia	16
2.2. O ser humano e a sua identidade.....	17
2.2.1. Teoria da identidade social.....	21
2.2.2. Teoria das representações sociais.....	22
2.3. O ser humano e a sua identidade profissional.....	24
2.4. O contabilista e a sua identidade profissional.....	27
2.5. Imagem e identidade do contabilista na sociedade	29
2.6. Em resumo	33
Capítulo III - Metodologia	35
3.1. Problemática de Investigação.....	35
3.2. Metodologia utilizada	36
3.3. Caracterização dos participantes	40
3.4. Recolha de dados	41
3.5. Quadro teórico	42
3.6. Em resumo	43
Capítulo IV – A profissão de contabilista em Portugal e a representação visual que o contabilista faz de si mesmo	45
4.1. Contextualização e desenvolvimento da profissão de contabilista em Portugal.....	45
4.2. Identidade profissional dos contabilistas em estudo	47

4.2.1. Perfil dos contabilistas participantes	47
4.2.2. Representação visual do contabilista - fotografia	49
4.2.3. O contabilista e a sociedade – resultados da entrevista.....	53
4.3. Em resumo	65
Capítulo V - Conclusão	67
5.1. Principais resultados	67
5.2. Limitações do estudo	71
5.3. Contribuições	71
5.4. Possibilidade de investigação futura	72
Referências bibliográficas	73
Apêndice I – Guia entrevista semi-estruturada	83
Apêndice II – Representação que o contabilista faz de si mesmo – quadro resumo ...	85

Abreviaturas

APC – Associação Portuguesa de Contabilistas

APOTEC – Associação Portuguesa de Técnicos de Contabilidade

ATOC – Associação dos Técnicos Oficiais de Contas

CC – Contabilista Certificado

CCI – Código de Contribuição Industrial

CTOC – Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas

IASB - International Accounting Standards Board

OCC – Ordem dos Contabilistas Certificados

OTOC – Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas

POC – Plano Oficial de Contabilidade

SNC – Sistema de Normalização Contabilista

TOC – Técnico Oficial de Contas

Índice de Imagens

Imagem 1 – Foto do participante 3.....	50
Imagem 2 – Foto do participante 12.....	50
Imagem 3 – Foto do participante 5.....	50
Imagem 4 – Foto do participante 1.....	51
Imagem 5 – Foto do participante 4.....	52
Imagem 6 – Foto do participante 7.....	53

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Caracterização dos participantes.....	40
Tabela 2 – Distribuição da amostra por género.....	47
Tabela 3 – Distribuição da amostra por faixa etária.....	48
Tabela 4 – Distribuição da amostra por anos de trabalho em contabilidade.....	48
Tabela 5 – Distribuição da amostra por situação profissional.....	49

Índice de Apêndices

Apêndice 1: Guia Entrevista Semi-estruturada.	83
Apêndice 2: Representação que o contabilista faz de si mesmo – quadro resumo.	85

Capítulo I - Introdução

O conceito de identidade é bastante amplo e interessa a vários ramos de conhecimento, o que criou diversas definições, que variam segundo o interesse e o objetivo do mesmo. Logo, o conceito de identidade deve ser lido conforme a área de estudo e tendo em conta todo o contexto da investigação. Neste seguimento, Parker e Warren (2013) afirmam que não tem sido possível acordar uma definição comum do conceito. No entanto há um consenso geral entre autores que a identidade é um tema que vale a pena investigar para uma serie de resultados individuais e organizacionais (Warren e Parker, 2009; Roberts, 2005). Para Butler et al. (2014) os debates sobre a natureza da identidade têm a sua fundação nas diferentes crenças de identidade como estado ou como processo, ou seja, se é estável e se se mantém igual ao longo da vida de um individuo ou é um processo em permanente mutação e evolução.

A nível pessoal, a identidade é tida como um processo individual, cujas características singulares de cada individuo o distingue dos demais. No entanto, o estudo da identidade no contexto das relações sociais tem-se tornado particularmente relevante. Para Abreu (2001, p.87), as construções identitárias são um produto da articulação entre a individualidade de cada um e a relação que se constrói com os outros. No mesmo sentido, Whetten e Godfrey (1998) afirmam que identidade social é a representação que um individuo dá de si mesmo por pertencer a um grupo. Identidade é o nosso senso de auto, negociado entre nós e os outros no espaço social (Butler et al., 2014).

As sucessivas interações do indivíduo com diferentes grupos, tornam a construção da identidade, um processo complexo e dinâmico que, segundo Erikson (1987), se configura desde a infância até à idade adulta, em três áreas básicas, a identidade sexual, ideológica e profissional (Terêncio e Soares, 2003). Ora, é esta última, a construção da identidade profissional que vamos explorar nesta investigação, mais precisamente, a construção da identidade profissional do contabilista.

1.1. Relevância e justificação do estudo

O termo identidade não deixa ninguém indiferente, desperta sempre interesse, tanto do individuo comum, como de cientistas sociais e a problemática da identidade profissional é uma questão transversal à atuação de qualquer grupo profissional. O trabalho pode ser

encarado como uma forma de sobrevivência mas, também, como uma forma de realização perante si mesmo e de reconhecimento perante a sociedade (Esteves, 2012). A construção da identidade profissional não é um processo apenas individual, mas sim fruto da interação com o outro, que se consubstancia com o julgamento e reconhecimento da sociedade perante o indivíduo.

Neste sentido, a identidade profissional remete-nos à imagem profissional e a uma rede de representações, pois, a identidade, ainda que vista como característica singular de um indivíduo ou grupo, implica a confirmação dos outros. Tal como afirmam Warren e Parker (2009) no domínio das ocupações profissionais e, em particular, da profissão de contabilista, as noções de papel, identidade e imagem são, indiscutivelmente, inseparáveis ou pelo menos altamente interligados.

Ora, muitos estudos realizados analisam o que pensam os outros do contabilista e os estereótipos a que é associado (Bougen, 1994; Carnegie e Napier, 2010; Warren e Parker, 2009; Byrne e Willis, 2005; Costa, 2011; Gomes, 2009; Hammami e Hossain, 2010; Hunt et al. 2004; Parker, 2000, entre outros), tornando esta problemática, particularmente importante nesta profissão, uma vez que os resultados implicam uma certa dualidade. Por um lado, a imagem do contabilista vem, sistematicamente, sendo associada a um estereótipo negativo, sendo visto como desinteressante, antissocial e pouco criativo e, por outro, é descrito como responsável, organizado, inteligente, etc. Além disso o estudo desta problemática tornou-se, ainda, mais relevante, após alguns escândalos financeiros a nível mundial (Parker e Warren, 2013), em que a credibilidade da classe foi posta em causa. Apesar de tudo, a globalização e a revolução tecnológica em que a informação circula rapidamente e se torna valiosa, quando disponibilizada atempadamente, nomeadamente em termos empresariais, em que a informação e as decisões tomadas em tempo real são cada vez mais importantes, fazem do contabilista um componente imprescindível, uma vez que este detém em primeira mão a informação das empresas.

Nesse seguimento, nesta investigação, a ênfase é colocada dentro do grupo em análise, tentando perceber o que os contabilistas pensam de si mesmos, o que querem transmitir aos outros, qual a imagem que pretendem ter na sociedade e de que forma desenvolvem a construção da sua identidade profissional. E este grupo de profissionais é, particularmente, interessante tendo em conta que a sua atividade profissional se

encontra regulamentada pela Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC), que definiu as competências e os requisitos necessários para o exercício da profissão.

Estas são algumas das razões para a escolha desta problemática de estudo, às quais acresce o interesse pessoal do investigador em compreender qual a imagem que o contabilista pretende passar aos outros e quais as preocupações com que se depara na construção da sua identidade profissional, uma vez que um dos seus objetivos profissionais foi atingido durante a elaboração deste trabalho, ou seja, a profissionalização na área de contabilidade, fazendo, assim, parte deste grupo de profissionais, com inscrição ativa na Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC). Não esquecendo que tal como afirma Jarvinen (2009, citando Gioia e Thomas, 1996), se os membros de um grupo acreditam que a sua imagem é negativa aos olhos de outros grupos, isso pode fornecer motivação para encontrar formas de restaurar a imagem perdida.

1.2. Objetivos e pergunta de partida

Este estudo contribui para aprofundar a literatura sobre a imagem do profissional de contabilidade. O objetivo geral desta pesquisa é compreender como se desenvolve o processo de construção da identidade do contabilista e quais as dimensões que são valorizadas neste processo, tendo por base, em particular, a forma como os mesmos se apresentam em fotografia.

Adicionalmente, os objetivos específicos visam investigar as informações observadas por meio das respostas sobre perceções intrínsecas à faixa etária, experiência profissional e género (sexo).

Decorrente do objetivo central, este estudo pretende responder à seguinte pergunta de partida: De que forma os contabilistas se apresentam através de fotografia e quais as dimensões que são valorizadas na construção da sua identidade profissional?

Partindo dos objetivos enunciados e da pergunta central deste estudo, destacam-se algumas questões, que se pretende ver esclarecidas:

- i) Qual a motivação para a escolha da profissão de contabilista?
- ii) Qual a importância da formação académica para construção da identidade, enquanto profissional?

- iii) Que relação estabelece o contabilista com os seus pares e com os diversos atores do seu contexto laboral?
- iv) Qual a importância da profissão de contabilista?
- v) Quais as influências da dimensão pessoal na construção da identidade profissional?
- vi) Quais as perspectivas para o futuro da profissão de contabilista?

1.3. Metodologia de Investigação

Este estudo pretende analisar o processo de construção da identidade profissional do contabilista. Como em qualquer investigação é necessário uma leitura do que outros investigadores escreveram sobre o tema em estudo, através de uma revisão crítica de literatura, que recorrendo a obras, artigos científicos e outros estudos sobre o conhecimento existente na área em questão, abrange também a forma e os métodos como se têm desenvolvido tais investigações.

Neste seguimento, este estudo recorre à metodologia qualitativa de carácter interpretativo, uma vez que se está perante uma realidade que não pode ser quantificada e, portanto pretende-se compreender e interpretar o fenómeno estudado, segundo a perspectiva dos participantes. Tal como afirma Minayo (2001, p.22), a pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis.

É importante salientar que este estudo recorre à metodologia de investigação visual, sendo, na verdade, este o ponto fulcral deste trabalho e sobre o qual se vai debruçar de forma mais exaustiva. Segundo Warren e Parker (2009), já foram lançadas as bases para a utilização desta metodologia em contabilidade. E tal como afirmam Preston et al. (1996), a riqueza de conhecimentos metodológicos já desenvolvidos por antropólogos visuais tem vindo a ser reconhecida, ressaltando a importância da imagem visual para a definição e desenvolvimento do conhecimento e chamando a atenção dos investigadores em contabilidade para o valor desta metodologia. Para Warren e Parker (2009, p. 214):

A imagem visual apresenta uma forma de texto em si, repleto com o contexto, simbolismo, convenções, e muito mais. As imagens podem ser analisadas em termos do que é ao mesmo tempo presente e ausente.

Numa fotografia as pessoas projetam a imagem de si pelo qual desejam ser reconhecidos e que retrate as qualidades pelas quais querem ser vistos pelos outros,

como parte da sua identidade (Ibarra, 1999; Parker e Warren, 2013). Deste modo, a nossa investigação é desenvolvida através da análise de imagens (fotografias dos participantes) e complementada com o recurso a entrevistas semi-estruturadas.

A amostra é constituída por 12 contabilistas, inscritos na Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC) e com alguma diversidade no que concerne à faixa etária, experiência profissional e género. Para a recolha de dados irá solicitar-se a cada participante que se fotografe a si mesmo em contexto de trabalho, de forma a demonstrar o que é para si ser contabilista e qual a imagem que quer passar de si mesmo aos outros. De seguida, realizar-se-ão entrevistas aos participantes, no sentido de melhor entender o que pretendem transmitir com as fotografias que tiraram e quais as dimensões que mais valorizam na construção da sua identidade profissional.

De acordo com Warren e Parker (2009), a pesquisa gerada através de fotografias e entrevistas semi-estruturadas é uma metodologia frutífera e um caminho a seguir para explorar o processo de construção da identidade e as perceções e perspetivas dos contabilistas.

O referencial teórico tido como base deste estudo é o trabalho de Goffman sobre a “apresentação do eu na vida quotidiana”, onde se parte do princípio que a identidade profissional é uma questão de gestão de impressões (Warren e Parker, 2009), que os autores justificam com o estudo de Gough et al. (1998), afirmando que, regra geral, ser um contabilista é mais uma questão de encarnar esse papel do que “ser” um contabilista, ou seja, o contabilista, profissionalmente, age da forma adequada e desejada para a profissão que exerce, como que um ator que interpreta um papel. Segundo Goffman (2002), o ator social tem a habilidade de escolher o seu palco e a sua peça, assim como o figurino que ele usará para cada público. O objetivo principal do ator é manter a sua coerência e se ajustar de acordo com a situação.

Parker e Warren (2013) identificam na obra de Goffman três técnicas dramáticas que podem ajudar no desempenho de gestão de impressões, são elas, a lealdade dramática, a disciplina dramática e a circunspeção dramática, que respetivamente, envolvem a aceitação de obrigações para manter a linha a seguir, a separação da imagem que apresentam na realidade pessoal e o exercício de previsão na realização de uma performance. Afirmam, ainda, que os contabilistas podem, consciente

ou inconscientemente, utilizar algumas destas estratégias no seu trabalho, ou seja, para os autores e com base na teoria de Goffman, a identidade profissional do contabilista é uma questão de impressões que se dá aos outros, de forma consciente ou não. No mesmo sentido Warren e Parker (2009, p. 209) afirmam que:

De acordo com Goffman, as pessoas expressam a sua competência social, apresentando-se da forma que estejam em conformidade com as expectativas normalizadas para as suas situações específicas. Elas podem também empregar uma gama de técnicas para gerir qualquer estigma ligado a eles ou à sua posição.

1.4. Estrutura da dissertação

Após uma breve apresentação e contextualização da problemática em estudo, apresenta-se a estrutura deste trabalho, que se desenvolve em quatro capítulos, aos quais acresce um capítulo final relativo a considerações finais.

No primeiro capítulo é feita uma introdução, onde apresentamos a justificação e motivação para o tema em estudo, os objetivos, questão de partida e questões específicas que serão respondidas ao longo do trabalho. Apresentam-se, também, os métodos de investigação e metodologia utilizada na realização do estudo. Por último apresenta-se a estrutura do trabalho.

O segundo capítulo trata da revisão de literatura. Na primeira secção aborda-se a história e importância da fotografia, com especial atenção para a sua contribuição para a construção das identidades. Na segunda secção a ênfase é sobre as próprias identidades, nomeadamente a identidade pessoal, identidade social e identidade profissional. Seguidamente é abordada a construção da identidade profissional no caso específico do profissional de contabilidade. Na última secção deste capítulo, e dada a relação estreita entre identidade e imagem, é feita uma breve revisão aos estudos existentes sobre a imagem do contabilista perante determinados grupos da sociedade e perante o público em geral.

No capítulo seguinte expõe-se a fundamentação metodológica. Definem-se os objetivos que se pretendem atingir com a investigação, caracteriza-se a metodologia utilizada, nomeadamente a metodologia visual, qualitativa e interpretativa. E, por último, apresenta-se, também, a caracterização da amostra, da recolha de dados, das fontes e do quadro teórico subjacente à realização deste estudo.

No quarto capítulo descreve-se o estudo empírico. Na primeira secção faz-se uma breve contextualização da profissionalização da contabilidade, nomeadamente em Portugal. Na segunda secção apresenta-se o estudo realizado, começando por uma descrição do mesmo, e de seguida procede-se à análise de dados, nomeadamente à análise das entrevistas realizadas e das fotografias cedidas pelos participantes no estudo, à luz do quadro teórico adotado.

Por último, apresentam-se algumas reflexões finais, nomeadamente, os principais resultados e conclusões retiradas do estudo. Seguem-se as contribuições e limitações do trabalho e, ainda, algumas propostas de investigação futura.

Capítulo II - Revisão de Literatura

Neste capítulo abordam-se os fundamentos e a literatura em geral, sobre a temática em estudo, fazendo uma síntese das ideias, dos conceitos e dos resultados de investigações mais significativas, de modo a consolidar esta problemática.

A revisão de literatura neste estudo pretende contribuir para um maior conhecimento do processo de construção da identidade de um indivíduo ou grupo e uma melhor compreensão da relação do ser humano com o seu trabalho e da construção da sua identidade profissional. Sem abordar exaustivamente esta temática, serão referidas contribuições teóricas sobre a construção da identidade profissional, especificando a construção da identidade profissional do contabilista.

Mas primeiramente, tentaremos compreender o desenvolvimento e a importância da fotografia na sociedade atual e na investigação científica e de que forma nos poderá ajudar a entender o processo de construção identitário.

2.1. Fotografia – História e Importância

A invenção da fotografia e mais tarde do cinema foram, acontecimentos marcantes para a história cultural da humanidade, acarretando profundas consequências na forma como concebemos e registamos visualmente aquilo que nos rodeia (Campos, 2011). Segundo Spineli e Pinheiro (s.d.) a história da fotografia inicia-se com os estudos sobre a ótica a partir de Aristóteles (384-322 a. C.) quando este observa a imagem exterior projetada na parede de um quarto escuro e desenvolve-se com a invenção de aparelhos capazes de captar a luz e suportes capazes de reterem as informações luminosas. E finalmente, segundo os mesmos autores, em 1839, do trabalho de Niepce e Daguerre resulta a primeira manifestação fotográfica, os daguerreótipos. De acordo com Recuero (2006), a invenção da fotografia, no século XIX, foi, mesmo, uma das maiores criações humanas, mudando a história da humanidade e proporcionando ao homem um instrumento fundamental na busca da própria identidade. De acordo com Mauad (1996) a fotografia ganhou interesse no âmbito social onde a imagem fotográfica foi associada à identificação, passando a figurar, desde o início do século XX, em identidades, passaportes e nos mais diferentes tipos de carteiras de reconhecimento social.

Spineli e Pinheiro (s.d.) afirmam que apesar de a fotografia ser alvo de algumas críticas devido às suas características e limitações técnicas, alguns cientistas viram nela a possibilidade de estudo da natureza e do homem, uma vez que esta prática proporciona o congelamento de um instante e apreende detalhes que, muitas vezes, o olho humano não capta.

A fotografia capta momentos que pretendemos recordar para sempre, está presente na vida das pessoas, em álbuns de família, na visualização de sítios, lugares e pessoas que desejamos conhecer e, hoje em dia, na internet, onde pode ser vista e partilhada inúmeras vezes, ultrapassando fronteiras e, por conseguinte, sendo alvo de interpretações diversas. Segundo Caetano (2007) a fotografia assume, atualmente, uma grande importância no quotidiano das sociedades ocidentais, tanto pela quantidade e diversidade de imagens que cada indivíduo acede no seu dia-a-dia, como nos diversos fins para que são utilizadas. De facto, a vulgarização da máquina fotográfica, ou aparelhos com as mesmas funcionalidades, como o caso do telemóvel, está a tornar ultrapassada a ideia de que a fotografia é usada para registar, somente, os momentos importantes e marcantes na vida das pessoas, pois atualmente qualquer pessoa regista, o seu dia-a-dia, até os momentos mais banais, que podem ser publicados instantaneamente nas “redes sociais”. Tal como Paz e Oliveira (2013) afirmam, a fotografia possui presença frequente na vida das pessoas, seja em álbuns de família, em jornais, em revistas, na publicidade e em páginas e blogs pessoais. Esta facilidade de divulgação das próprias fotografias reforça a comunicação e a relação entre o fotografado e os indivíduos que as vêem, comentando e fazendo diversas interpretações. No mesmo sentido Dijck (2008) afirma que a fotografia é, cada vez mais, uma ferramenta que contribui para a formação da identidade e as câmaras digitais, smartphones, fotoblogs e outros dispositivos multifuncionais são usados para promover o uso de imagens, como o idioma preferido de uma nova geração de usuários. Ramos e Cruz (2009) acrescenta que a imagem fotográfica tem a capacidade de despertar sensações em quem as observa.

A fotografia contribui, neste sentido, para a construção da identidade pessoal de um indivíduo perante os outros, pois, desde a sua origem tem vindo a desenvolver-se como um poderoso meio de representação que possibilita a construção e transmissão de uma determinada imagem de si, para si e para os outros (Caetano, 2007). Ao fotografar dá-se importância a determinados detalhes, aos ângulos e ao cenário que nos rodeia, às atitudes corporais, ao visual, etc, (Paz e Oliveira, 2013), ou seja, existe normalmente,

uma especial atenção à imagem que passamos de nós aos outros. Para Guattari (1992, citado por Paz e Oliveira, 2013) a fotografia é um produzir-se a si mesmo, de forma parcial, pré-pessoal e coletiva. De acordo com Barthes (1984) todas as imagens fotográficas representam mais ou menos claramente o que foi enquadrado pela câmara, no momento em que é captado mas também representam o ponto de vista do fotógrafo).

Segundo Barthes (1984), a fotografia começou, historicamente, como uma arte de reprodução da pessoa: da sua identidade, do seu estado civil, etc. No mesmo sentido, Caetano (2007) afirma que a identidade se constrói entre o *self* e a sociedade e a fotografia sendo um instrumento de representação do mundo, pode contribuir para essa relação. Para Guran (2012, p.13):

A fotografia já nasceu com a vocação para a produção de documentos sobre o mundo visível apresentados como referências confiáveis, por serem estes resultado direto de um processo técnico mediado por um aparelho que avalizava todo o processo.

O desenvolvimento da fotografia proporcionou um novo processo de conhecimento do mundo, começando por ser usada na antropologia visual, na psicologia e na sociologia. De facto, o estudo dos sentimentos, da emoção e da memória, aliados aos registos sobre o corpo, a música e dança, entre outros, tornaram-se cada vez mais importantes e a fotografia pode fornecer uma visão desses aspetos, que vai além do captado pelas descrições escritas e pelos métodos de entrevista (Sartório, 2011). Diante da imagem, o pensamento se estende e cria especulações, insere conteúdo onde não há palavras e facilita a produção de sentido (Justo e Vasconcelos, 2009). De acordo com Caetano (2007, p. 70):

A fotografia apresenta-se, assim, como um de vários sistemas simbólicos de representação que participa na atribuição de significado a pessoas, acontecimentos e objetos, contribuindo dessa forma para o estabelecimento da imagem que os indivíduos criam de si mesmos e da realidade em que estão inseridos.

A mesma autora (2007, p.78) no seu estudo sobre o papel da fotografia nos processos de (re) construção das identidades, conclui que “a importância do registo do trajeto de vida para os entrevistados prende-se com a constituição de uma biografia de si que constata a sua presença, passagem, permanência e experiência no/do mundo. A posse de uma prova de existência é talvez dos recursos mais primários de constituição da identidade pessoal”.

A verificação da eficiência do uso da fotografia em trabalhos de pesquisa, em diversas áreas, vem sendo analisada e comprovada por vários autores. Campos (2011, pag. 240) afirma que “a imagem tem sido apropriada como meio auxiliar de pesquisa, tendo por tarefa aperfeiçoar ou complementar a observação científica, disponibilizando dados analíticos”. Warren (2005) discutiu a forma como a fotografia pode ser uma importante ferramenta na pesquisa qualitativa, nomeadamente, na área da contabilidade e gestão, tendo como objetivo familiarizar o leitor com os principais desenvolvimentos e debates no campo da pesquisa visual, de uma forma mais geral. O estudo foi realizado com base na prática de pesquisa visual da autora, no que respeita à utilização da *photovoice*, que se descreve no ponto seguinte, que segundo a mesma contribui para um maior envolvimento dos participantes na pesquisa. A autora, frisando a concordância com o trabalho de Barthes, refere, ainda, que a imagem fotográfica, com a sua natureza icónica e representacional, pode comunicar a opinião dos participantes. Numa abordagem diferente Davison (2011) analisou a influência da obra de Barthes e o seu potencial para aplicar em pesquisas visuais no campo da contabilidade. O estudo visa proporcionar uma visão geral do trabalho de Barthes, tanto na sua fase estruturalista (a mais racional), como na fase pós-estruturalista (a mais sentimental). Segundo a autora o trabalho de Barthes foi, surpreendentemente, pouco utilizado em contabilidade, existindo, a seu ver, potencial para ser mais explorado nesta área, nomeadamente a fase pós-estruturalista.

Parker (2009) explorou as dimensões metodológicas e o potencial da foto-elicitação (tradução de *photo-elecitation*), que se descreve na próxima secção, especialmente, como ferramenta de pesquisa histórica para arquivamento, contabilidade e gestão. A análise baseou-se na metodologia teórica e literatura da antropologia visual, sociologia visual, etnografia visual, história oral, e métodos de pesquisa visual e desenvolve uma agenda metodológica para pesquisas de foto-elicitação em contabilidade e gestão. O autor refere que a introdução desta metodologia oferece uma maior capacitação através da memória visual e da construção de imagens de si mesmos.

Sendo Parker um dos autores que mais contribui para a utilização da metodologia visual em pesquisa qualitativa, Tyson (2009) avaliou criticamente o apelo de Parker para o uso da foto-elicitação em pesquisa qualitativa na área de contabilidade e gestão. Este estudo faz uma breve revisão da literatura relevante sobre foto-elicitação, discute o papel do professor Parker e realça os pontos fortes, preocupações e oportunidades de investigação. Como consideração final destaca as imensas oportunidades de pesquisa

com foto-elicitación, mas alerta para que o pesquisador se certifique que este será o método mais adequado para gerar dados.

No mesmo sentido, o principal objetivo de Warren (2009) foi avaliar o trabalho de Lee Parker sobre a foto-elicitación, referindo que a pesquisa através de fotografias representa um grande desafio para o estudo na área da contabilidade e da gestão e é uma metodologia com grande potencial.

Butler et al. (2014) exploraram o potencial de incorporar métodos visuais no estudo da identidade e da identidade no trabalho. Os autores fizeram referência às inúmeras abordagens ao estudo da identidade, afirmando que a maioria se baseou em entrevistas e inquéritos e defendem a utilização de abordagens visuais, propondo um método que envolva a imagem-elicitación. O artigo apresenta o desenvolvimento da abordagem, com base num estudo piloto com imagens de desenhos animados em determinados contextos para mobilizar e incentivar a narração da identidade, e relata a sua utilização num estudo exploratório da identidade do funcionário. De um modo muito geral, este trabalho demonstra, à semelhança de outros, o poder dos métodos visuais na exploração da identidade e, mais precisamente, da identidade no trabalho.

Pode-se identificar diferentes métodos de utilização da fotografia em pesquisas. Sartório (2011) identifica a *photovoice*, a foto-elicitación, a etnografia, referindo que existem estudos que utilizam a combinação de mais de um método, ou, ainda, existem estudos, que podem não se inserir em nenhum dos referidos. Noland (2006) debruçou-se sobre a auto-fotografia. Faz-se a seguir uma, muito breve, descrição destes métodos e, ainda, das potencialidades e limitações do uso da fotografia em trabalhos de pesquisa.

2.1.1. *Photovoice*; Foto-elicitación; Etnografia e Auto-fotografia

A *Photovoice* foi criado por Carolina Wang e Mary Ann Burris, em 1992, e consiste em capacitar os sujeitos para identificar e refletir sobre si próprios e o seu contexto, promovendo o diálogo crítico (Sartório, 2011). É uma metodologia de investigação participativa, parte da fotografia e da voz dos participantes para conhecer as suas experiências e vivências. É descrita como um processo que possibilita a cada pessoa ou participante tirar uma fotografia que identifique e represente a sua comunidade, ou seja, os dados a analisar na pesquisa serão as fotos produzidas pelas pessoas participantes no estudo. Normalmente, este método é utilizado dentro de um grupo, no qual os

participantes tiram fotos, para seguidamente discutir os aspetos positivos e negativos da situação em estudo (Sartório, 2011). Para Warren (2005, p. 869):

Metodologicamente, foto-voz difere pouco de qualquer outra variante da foto-entrevista, aos participantes da pesquisa é dada a câmara e estes tiram fotografias que contam uma história sobre a sua vida quotidiana, uma história que contam com as suas fotografias e explicações verbais dadas durante uma entrevista com um pesquisador.

A *Photovoice* é considerado, por muitos, um método de intervenção social, uma vez que promove a participação e o exercício da cidadania, sobretudo quando se intervém com populações mais desfavorecidas e/ou vulneráveis. Wang e Burris (1997) afirmam que o método de *photovoice* pode ser “adaptado a objetivos específicos participativos, com diferentes grupos e comunidades”.

Outo método é a foto-elicitação, que foi referida pela primeira vez num artigo de Collier (1957) sobre a saúde mental de uma comunidade do Canadá (Harper, 2002). Para Butler et al. (2014) a foto-elicitação envolve um entrevistado dando as suas opiniões sobre uma imagem apresentada. Harper (2002) afirma que a foto-elicitação é baseada na ideia de inserção de uma fotografia numa entrevista de pesquisa, de forma a que através da imagem e da palavra seja possível obter duas formas de representação simbólica. Para o autor o método de foto-elicitação ao provocar reações, comentários e memórias ao entrevistado, produz não, apenas, mais informação, mas, sim um tipo diferente de informação. Foto-elicitação pode desafiar os participantes, levando a novas perspetivas e ajudando na construção de um relacionamento de confiança entre pesquisador e participante (Epstein et al., 2006).

Segundo Noland (2006) a foto-elicitação consiste em usar fotografias para solicitar respostas durante a entrevista, fazendo com que pesquisador e entrevistado discutam as fotografias juntos, o que acaba por aliviar o stress do participante. Neste método as imagens utilizadas tanto podem ser feitas pelos participantes/entrevistados, como facultadas pelo pesquisador, provenientes das mais diversas origens (Sartório, 2011).

A etnografia é o ramo das ciências humanas que estuda a cultura de uma comunidade ou de alguma das suas características fundamentais, língua, raça, religião, hábitos etc., como também das manifestações materiais das suas atividades. É a ciência das etnias. Consiste em analisar um grupo ou cultura, através da observação, realização de entrevistas e recolha de fotografias, imagens, mapas e outros documentos. A

metodologia etnográfica é, basicamente, qualitativa e pretende registar as manifestações da realidade, tanto as explícitas como as implícitas. Deste modo, a fonte principal do conhecimento obtido por métodos etnográficos são os dados provenientes de situações naturais e não experimentais.

Quando a fotografia é utilizada como instrumento principal na realização de um trabalho etnográfico, esta torna-se uma foto-etnografia e pode ser inserida em trabalhos científicos, exposições ou diversos tipos de publicações (Boni e Moreschi, 2007). Segundo os mesmos autores os primeiros indícios de foto-etnografia surgiram num trabalho de John K. Hillers, para o Departamento de Etnografia Americana, em 1870, onde Hillers registou várias tribos indígenas dos Estados Unidos. No seu trabalho Boni e Moreschi (2007) enfatizam a importância da imagem em estudos antropológicos, fazem referência a fotógrafos, antropólogos e a diversos estudos com o uso da foto-etnografia, concluindo que a fotografia tem sido gradualmente incorporada como fonte de pesquisa em estudos etnográficos.

Por último, a auto-fotografia é uma ferramenta de pesquisa que permite aos participantes tirar fotografias e escolher as imagens que acreditam melhor representá-los, dando-lhes a liberdade de usar os lugares, as pessoas e os objectos que são mais importante para a construção do seu auto (Noland, 2006). Para o autor este método gera dados mais autênticos, pois permite ao pesquisador olhar para os participantes através dos “olhos” dos mesmos e oferece aos participantes a possibilidade de falar de si mesmos, evitando o uso exclusivo de instrumentos de pesquisa culturalmente enviesados. Noland acredita que idealmente, os participantes devem ser livres para exhibir suas próprias noções de auto, em vez de serem limitados por categorias geradas pelo pesquisador. Segundo o autor (2006, p. 3):

Claramente, medidas e instrumentos que permitem aos participantes desempenhar papéis mais ativos na definição de si devem promover uma melhor compreensão da construção da identidade. Uma maneira de alcançar este objectivo é através da utilização de instrumentos que maximizem a capacidade dos participantes para se descreverem.

Neste método as fotografias podem, unicamente, ser analisados pelo pesquisador ou podem ser acompanhadas de inquéritos realizados aos participantes ou, ainda, complementado com entrevistas, em que se utilizam as fotografias para obter respostas dos participantes (foto-elicitación) (Noland, 2006).

2.1.2. Potencialidades e limitações do uso da fotografia

As experiências de diversos autores com o uso da fotografia nas suas investigações permitem referir algumas das mais importantes vantagens que este método traz para as pesquisas. Butler et al. (2014) elencaram cinco vantagens na incorporação de métodos visuais no estudo da identidade. Primeiro, com base em diversos estudos, afirmaram que a utilização de imagens permite abordar situações que são “muitas vezes silenciosas”, explorando o consciente e o subconsciente. Em segundo lugar, dizem que as imagens “transportam” o participante, mais facilmente, para o contexto em questão através da seleção do assunto da imagem. Em terceiro lugar referem que utilizando a mesma imagem com diferentes participantes é possível obter diversas respostas e interpretações, enriquecendo a discussão. Em quarto lugar, os autores afirmam que discutir uma imagem oferece um ambiente emocionalmente seguro. E por último, acreditam que a utilização de meios visuais melhoram a relação entre o participante e o entrevistador. Além disso, afirmam, ainda, que a introdução de fotos na entrevista poderá tornar a discussão mais animada, emocional e profunda.

No mesmo sentido, para Sartório (2011) a utilização da fotografia em pesquisas permite uma melhor compreensão da situação estudada e/ou dos participantes na pesquisa, assim como um registo mais detalhado e completo do real, fornece uma maior riqueza nos dados obtidos, pois tal como diz o conhecido provérbio “uma imagem vale mais do que mil palavras”. Ou seja, é comumente aceite que uma imagem pode ser mais rica que as próprias palavras. Embora Hall (1986) chame a atenção para o facto de uma imagem valer mais de mil palavras, apenas, quando sujeita a uma análise adequada. Sartório (2011) afirma, também, que as entrevistas com integração de fotografias, criam uma maior proximidade entre entrevistador e entrevistado. Harper (2002) afirma que a imagem evoca elementos mais profundos da consciência do que as palavras, justificando que a interação com base em palavras utiliza uma menor capacidade do cérebro do que se se inserir, também, imagens. Para Boni e Morschi (2007) a subjetividade da imagem, muitas vezes criticada por teóricos, torna a fotografia mais flexível que o texto pela especificidade da sua linguagem, podendo ser lida com o mesmo peso de um texto.

Croghan et al. (2008) afirmam que a utilização de fotografias em entrevistas pode ser uma ferramenta útil nas pesquisas sobre identidade em grupos controversos ou problemáticos, pois oferece aos participantes a oportunidade de mostrar ao invés de

“dizer” aspetos da sua identidade que poderiam de outra forma permanecer escondidos. A utilização deste método é uma espécie de “memória-gatilho”, desafia os participantes e leva a novas perspetivas (Epstein et al., 2006). Tal como afirma Warren (2005) a inserção da fotografia aumenta o envolvimento dos participantes na pesquisa. Dubois (1998) afirma que a fotografia atesta a existência do que mostra, ela testemunha.

Por outro lado, encontram-se também diversas limitações resultantes da utilização da fotografia em pesquisas. Primeiramente, se a fotografia é passível de diversas interpretações e isso pode ser um ponto a seu favor, pode também ser uma limitação, pois como afirma Barthes, a fotografia é uma arte “pouco segura”, já que pode ser interpretada de diversas formas por diferentes pessoas. Em segundo lugar a fotografia pode representar o real de forma incompleta uma vez que há sempre a direita e a esquerda, acima e abaixo, coisas que o fotógrafo elegeu não incluir, ou que não pode incluir. Segundo o autor, às vezes, constrói-se a imagem com a tensão entre o que se mostra e o que se exclui. Butler et al. (2014) afirmam que uma das críticas apontadas à utilização de fotografias em pesquisa é a falta de rigor, principalmente se comparada com métodos quantitativos, levantando, assim, dúvidas quanto à verificação, confiabilidade e validade dos dados e resultados. Os autores acrescentam, mesmo, em consonância com Warren (2008), que pesquisas com recurso a métodos visuais podem não ser levadas tão a sério. Além das críticas elencadas, existem diversas formas disponíveis para manipular uma fotografia, o que pode fazer com que esta perca alguma credibilidade.

2.2. O ser humano e a sua identidade

A identidade é, segundo Dubar (1997), aquilo que de mais precioso um indivíduo tem. Machado (2003) afirma que a identidade constitui uma tentativa de explicação do conceito de si, fruto de uma construção psicológica. A noção de identidade pode ser vista de forma individual, em que cada pessoa tem uma identidade única e diferente, funcionando como fator diferenciador relativamente aos demais. Tal como refere Santos (2005, p. 123):

A identidade enquanto característica singular de um indivíduo que o distingue do outro, implica paradoxalmente, uma dualidade: a identidade pessoal (ou a identidade para si) e a identidade para os outros. Esta dualidade não pode ser quebrada, uma vez que a identidade pessoal tem de ser reconhecida e confirmada pelos outros. Por outro lado,

este processo não é estável, nem linear. Pelo contrário, apresenta-se complexo e dinâmico.

Jacques (1998) afirma que quando se fala sobre identidade faz-se, normalmente, referência a expressões como: imagem, representação, conceito de si, conjunto de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio. É, assim, o conjunto de percepções, sentimentos e representações que uma pessoa tem de si própria, que lhe permitem reconhecer e ser reconhecido socialmente. A identidade apresenta-se como um processo onde o reconhecimento, a valorização e a confirmação dos outros têm uma grande importância nas configurações identitárias que cada indivíduo assume (Santos, 2005).

Para Erikson (1987), um dos primeiros estudiosos deste tema, construir uma identidade implica definir quem a pessoa é, quais os seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida (Schoen-Ferreira et al., 2003). Mas este não é um processo simples, tal como explica Hall (2006, p. 13):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

No entender de Santos (2005), cada indivíduo nasce com as suas características e competências inatas que, por um lado, salvaguardam a sua identidade individual e, por outro, permitem a sua identificação ao e pelo outro através da sua singularidade e, principalmente, através dos aspetos que partilham. De acordo com Kimmel e Weiner (1998, citado em Schoen-Ferreira et al. 2003) quanto mais desenvolvido o sentimento de identidade, mais o indivíduo valoriza o modo como é semelhante ou diferente dos outros e mais claramente reconhece as suas limitações e habilidades. Quanto menos desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo valoriza as opiniões externas para avaliar-se e menos compreende as pessoas como diferentes. Segundo Krawulsky (2004) os teóricos da Psicologia Social definem identidade como um conjunto de características próprias de uma pessoa, que a tornam diferente das outras e que vão sendo construídas nas e pelas relações sociais e através dos diferentes papéis que essa pessoa vai desempenhando ao longo da sua vida. Cada indivíduo vai desenvolvendo o processo de afirmação da sua individualidade e a sociedade não é algo externo à identidade pessoal, mas sim um elemento configurador dessa identidade (Krawulsky,

2004). E embora exista em cada indivíduo um senso de individualidade, a construção do autoconceito é inseparável do outro e, portanto, as experiências de socialização constituem o principal referencial para formação das identidades (Machado, 2003). “O contexto social fornece as condições para os variados modos e alternativas de identidade, e a identidade individual expressa, de certa forma, uma singularidade construída nas inter-relações” (Banduk et al., 2009, p. 112). Segundo Dubar (2006, p. 8 e 9) a identidade é:

...o resultado duma dupla operação linguística: diferenciação e generalização. A primeira visa definir a diferença, aquilo que faz a singularidade de alguém ou de alguma coisa em relação a uma outra coisa ou a outro alguém: a identidade é a diferença. A segunda é aquela que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes dum outro mesmo: a identidade é pertença comum. Estas duas operações estão na origem do paradoxo da Identidade: aquilo que existe de único e aquilo que é partilhado. Este paradoxo não pode ser resolvido enquanto não se tiver em conta o elemento comum a estas duas operações: a identificação de e pelo outro.

Neste seguimento, designa-se a identidade social como um processo em que cada indivíduo constrói a sua, na interação com os outros e, nesse sentido, partilha com um grupo de pessoas as mesmas perceções, crenças e valores. Ou seja, enquanto a identidade pessoal está ligada a uma construção individual do conceito de si, a identidade social trata do conceito de si a partir da vinculação do indivíduo a grupos sociais (Machado, 2003). Assim, não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade (Ciampa, 1994). A este respeito, a abordagem do sociólogo Giddens (2004, p. 694), apresenta a identidade como um conjunto de:

...características distintivas do carácter de uma pessoa ou o carácter de um grupo que se relaciona com o que eles são e com o que tem sentido para eles. Algumas das principais fontes de identidade são o género, a orientação sexual, a nacionalidade ou a etnicidade, e a classe social. O nome é um marcador importante da identidade individual, e dar um nome é também importante do ponto de vista da identidade do grupo.

Hall (2006), destacando a importância da cultura na formação da identidade, afirma que esta acontece na relação com as pessoas que mediam os valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura para o sujeito. Segundo o autor a identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Sob a perspetiva do mesmo autor, a construção da identidade é um processo que permanece sempre incompleto, assim, em vez de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de

identificação, e vê-la como um processo em andamento (Hall, 2006, p.39). No mesmo sentido Dubar (1997) defende que a identidade é um processo socialmente construído e, simultaneamente, inacabado. Segundo o autor a identidade humana não é dada, de forma completa, no ato do nascimento, mas antes, vai-se construindo na infância e reconstrói-se ao longo da vida. E este não é um processo solitário, pois o indivíduo não a constrói sozinho, uma vez que ela depende tanto dos julgamentos dos outros como das suas próprias orientações e autodefinições. Ela é o fruto da interação dos mecanismos psicológicos e dos fatores sociais. Trata-se de um processo social dinâmico, em contínua evolução, que se constrói por semelhança e oposição (Machado, 2003, p.55). “Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose” (Ciampa, 1994, p. 74). É um produto de sucessivas socializações (Dubar, 1997). Por seu lado Hall (2006, p. 75) destaca o impacto da globalização na construção das identidades. Para o autor:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha.

Reforçando o papel dos outros na construção da identidade Abreu (2001, p. 87) afirma que: “as construções identitárias são, então, um produto da articulação entre a individualidade de cada um e a relação que se constrói com os outros.” Assim, a par da educação e dos valores inculcados pela família e pela escola, a socialização que cada indivíduo faz durante a sua vida contribui, de igual modo, para a sua construção identitária, através de uma negociação de condutas, ideologias e sentimentos de pertença (Santos, 2005).

A construção da própria identidade é, assim, um desafio permanente no sentido de encontrar o equilíbrio entre aquilo que o indivíduo é e o que os outros esperam que ele seja. O outro é o espelho social que permite ao indivíduo reconhecer-se, avaliar-se e aprovar-se, o que implica que o social tenha grande influência na construção da identidade pessoal (Machado, 2003). Assim, para entender este conceito é importante ter em conta o balanceamento entre a dimensão pessoal e a dimensão social do indivíduo, tal como defende Paiva (2007, p.81):

Desde 1998 venho propondo que, do ponto de vista psicológico, a identidade seja entendida levando-se em conta tanto os elementos de cognição, afeto e ação da pessoa como sua adesão ao grupo. Só a coerência entre os elementos de ordem pessoal e a vinculação grupal parece atender igualmente à dimensão psicossocial e à dimensão pessoal do processo de constituição da identidade. É no acompanhamento da construção dessa coerência da ordem cognitiva com a ordem grupal que se torna possível entender a dinâmica variável dos diversos graus de identidade pessoal e psicossocial, étnica, profissional, religiosa ou outra qualquer.

2.2.1 Teoria da Identidade Social

A teoria da identidade social é considerada como a teoria mais importante no quadro atual dos modelos sobre as relações intergrupais em psicologia social e tem por base a relação entre três conceitos fundamentais: categorização social, identidade social e comparação social (Cabecinhas e Lázaro, 1997). A teoria foi desenvolvida por Henri Tajfel através de pesquisas com percepção visual que entende a identidade psicossocial como o sentimento de pertença a um grupo e de não pertença a outro grupo, formando categorias em função de características comuns ou semelhantes como, por exemplo, as semelhanças físicas, psíquicas, comportamentais, entre outras (Paiva, 2007). Esta categorização criou as noções de intragrupo (o grupo em que o indivíduo está inserido) e extragrupo (o grupo ao qual não se pertence), para Tajfel, o “nós” e “eles”, em que segundo esta teoria se percebem os indivíduos do extragrupo como mais homogêneos e os do grupo ao qual se pertence, o intragrupo, como mais heterogêneos (Paiva, 2007). Para Tajfel (1983) a identidade social deve ser entendida como a dimensão do autoconceito do indivíduo adquirida através do conhecimento e sentimento de pertença a um grupo social. Ela constrói-se, assim, através de processos de socialização em que o indivíduo adquire sentimentos de pertença a determinado grupo e de não pertença a outro, devido às diferenças que entende existirem entre o seu grupo e os outros e à valorização dos significados emocionais associados a esse sentimento de pertença. Para Gomes (1995, p. 36) as definições atribuídas a esta teoria:

...alargam a dimensão social da identidade à relevância da pertença ao grupo, onde se inserem num universo simbólico comum, que diferencia os grupos através das suas posições relativas e de diferentes modalidades de identidade social numa perspetiva psico-sociológica, na medida em que articula as condições objetivas da relação intergrupos com uma dimensão cognitiva, o que faz da identidade social um constructo subjetivo.

Ao falar de grupos sociais podemos, também, falar de grupos profissionais e Tajfel teve a preocupação de distinguir as relações intergrupais das relações interpessoais e relacionar as primeiras, nomeadamente na sua forma conflituosa, com a mudança social, mas preocupou-se, também, com as particularidades das relações intergrupais onde a pertença a grupos sociais, pode conduzir a uma estigmatização de certos profissionais, quando as suas características são, em geral, depreciativas, levando ao seu descrédito e à rejeição social (Gomes, 1995).

2.2.2. Teoria das Representações Sociais

O conceito de “representação social” é associado a Durkheim na área da sociologia, para quem a vida social é essencialmente formada de representações e, foi resgatado para a psicologia social por Moscovici, em 1961 (Sêga, 2000). De acordo com Guerra et al. (2011), para Moscovici a representação social parte da diversidade de indivíduos, atitudes e fenómenos, com a expectativa de construção de um mundo estável e previsível a partir dessa diversidade, é uma forma de conhecimento e interpretação da realidade com o objetivo de elaborar comportamentos. No entanto, esse conhecimento não é adquirido através de estudos ou pesquisas específicas, mas sim por meio de influências recíprocas e negociações implícitas, onde os sujeitos são orientados para modelos simbólicos e valores específicos. O autor refere que representação social não é uma opinião mas sim uma tomada de posição relativamente a algum fenómeno ou problema da sociedade, é, no fundo, uma “rede” de ideias, metáforas e imagens relacionados (Guerra et al., 2011).

Por representação social entende-se, assim, os fenómenos múltiplos, observados e estudados em termos de complexidades individuais e coletivas (Sêga, 2000), ou seja, os conhecimentos, crenças e ideias que o indivíduo adquire através da interação social. É através da representação social que o indivíduo se identifica com o seu grupo.

As representações sociais são formas de um grupo interpretar a realidade e de assumir posições em relação a objetos e situações, segundo a comunicação que se estabelece e a ideologia, os valores, as crenças, os símbolos e as significações que se partilham dentro desse grupo (Sêga, 2000). Elas “orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais, intervindo em processos variados como: difusão e assimilação do conhecimento, desenvolvimento individual e coletivo, definição das identidades

peçoais e sociais, expressão de grupos e transformações sociais” (Guerra et al. 2011, p.159). E “produzem e determinam os comportamentos, definindo a natureza dos estímulos e o significado das respostas a estes estímulos, exercendo uma função construtiva da realidade e sendo o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado” (Guerra et al. 2011, p. 158).

Apesar de, como já referido, ser Moscovici o precursor da teoria das representações sociais, Moraes (2007) destaca Strey et al. (1998) como quem melhor expressou a ideia subjacente a esta teoria, ao afirmar que representação social é construir um conjunto de saberes que expressam a identidade de um grupo social. Neste seguimento Moraes (2007, p. 38) afirma que:

Os saberes que são construídos e a identidade do grupo social ou classe profissional mostram que na maioria das vezes as atitudes praticadas, como, por exemplo, comprar, votar, escolher o prestador de um serviço, não são por razões lógicas e racionais, mas por razões principalmente afetivas, simbólicas, míticas, e religiosas. O estudo das representações sociais chama a atenção a essa realidade e tenta mostrar a importância de se conhecer essas representações para se compreender o comportamento das pessoas, no tocante à criação de uma imagem e os respetivos posicionamentos de um produto ou serviço no mercado.

As representações sociais são, assim, úteis para melhor entender a construção das identidades grupais e, mais especificamente, a construção das identidades profissionais. Partindo desta teoria é possível analisar o que determinado grupo profissional representa socialmente e como essa representação contribui para a construção da identidade do indivíduo, enquanto profissional e está sempre associada à imagem e status da própria profissão.

Neste sentido, Guerra et al. (2011, p.168) num estudo sobre as representações sociais do contabilista, concluíram que as representações sociais “são formadas não só pela vivência em grupo e alimentadas pelas comunicações entre os seres humanos, mas carregam, em si, implicações afetivas, interiorização de experiências, práticas e modelos de condutas. Por seu turno, elas acabam moldando comportamentos e ações, ajudando a formar ou reforçar representações já existentes”.

Para Gomes (1995) existem várias definições de representação social, que são utilizadas segundo a dimensão a que se pretende dar ênfase. A autora (1995, p. 10) afirma que “um conceito de representação social tornar-se-ia muito redutor por mais completo que

parecesse, devido à sua complexidade como fenómeno psico-social”. No entanto, refere que Moscovici (1981) define as representações sociais como um conjunto de conceitos, preposições e explicações que se criam na vida quotidiana do individuo e que se assemelham na nossa sociedade aos mitos e crenças das sociedades tradicionais, uma espécie de senso comum numa versão contemporânea. Para Gomes (1995, p.10,11) esta definição de Moscovici:

...reveste-se de um carácter mediático, externo, permanente e temporal, dado que invade não só os indivíduos, os grupos e a sociedade, mas penetra em todos os domínios e espaços da vida humana, da qual decorre o reconhecimento pessoal, profissional e social. Constitui uma "regra de ouro" que responde à problemática do saber experienciado e vivido na prática do quotidiano.

2.3. O ser humano e a sua identidade profissional

Entre as múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma especial importância (Dubar, 1997), uma vez que a componente profissional da identidade individual constitui um aspeto fundamental do desenvolvimento e do reconhecimento social do individuo (Nascimento, 2007). Esteves (2012, p.13) afirma que:

A noção de identidade é algo que comumente partilhamos e que de uma forma permanente assegura a unidade de um conjunto de valores e crenças, encontrando-se na base do reconhecimento social. Assim, a problemática da identidade torna-se o cerne para a análise dos fenómenos de transformação social e profissional, daqui decorre que, indissociável da análise do conceito de identidade, está a análise dos processos de reconhecimento social e profissional que fazem parte do contexto onde o indivíduo se encontra inserido.

A construção da identidade profissional remete-nos para o campo da identidade social e da identidade intragrupos, em articulação com a identidade pessoal, ou seja, o conjunto das vivências, aprendizagens e obrigações experimentadas enquanto profissional aliadas às características, personalidade e talento de cada individuo, e, assim, podemos dizer que a identidade profissional é um “resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições” (Dubar, 1997, p.105).

Para Dubar (1997) e Cooper e Robson (2006), um grupo profissional é portador, verdadeiramente, de uma identidade coletiva, que se forma através da partilha de histórias, atividades, lealdade, instituições e, principalmente, do regulamento profissional. Segundo Dubar (2006), as identidades profissionais são formas socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns com os outros, no campo do trabalho e do emprego. Para Lima et al. (2004, p.9):

O trabalho surge como uma das formas de relação do homem com o meio no qual está inserido. Trabalho como forma de realização, como disciplina, como forma de sobrevivência. Por meio do trabalho o homem pode modificar seu meio e modificar a si mesmo.

A identidade profissional resulta da vinculação do indivíduo a uma atividade laboral, tendo em conta as tarefas a executar, as características, responsabilidades e funções nessa atividade (Krawulsky, 2004). De acordo com Sainsaulieu (1988, citado por Krawulsky, 2004) como resultado das suas pesquisas nas áreas da Psicologia e Sociologia, afirma que o exercício de determinadas atividades e a criação de determinadas relações sociais constituem “modos de ser” que qualificam os pares como iguais e expressam atitudes, comportamentos, linguagem, e, até, valores semelhantes, que fazem parte da construção da sua identidade profissional, com base em representações coletivas diferentes, que constroem atores no sistema social da empresa (Dubar, 1997; Krawulsky, 2004). Neste seguimento e ressaltando a importância das representações sociais a nível da identidade profissional, Dubar (1997) afirma que a identificação principal é a do indivíduo com a sua reputação no seio do seu grupo, pois, primeiramente ele procura o reconhecimento por parte dos seus pares. Relativamente a este tema, para Santos (2005, p. 133) “o poder, o prestígio e a competência serão essenciais no processo de identificação do sujeito ao trabalho”.

Um dos aspetos mais importantes no processo de construção da identidade profissional é a formação profissional, que abarca a aquisição de saberes, o desenvolvimento de competências e a iniciação à realidade profissional através da realização de uma socialização profissional, onde se promova o conhecimento da profissão e das suas representações profissionais (Nascimento, 2007). Daí que o conceito de identidade profissional esteja estreitamente relacionada com a escolha de uma carreira profissional, pois esta é fundamental na normalização das relações com o mundo. E a identidade está

relacionada com a escolha dos papéis ocupacionais e da profissão que se pretende exercer (Terêncio e Soares, 2003).

Por outro lado, diversos autores (Abreu, 2001; Esteves, 2012; Krawulsky, 2004) defendem que a construção da identidade profissional se inicia com a formação académica, onde se apreende a técnica mas também os valores e as regras de conduta e ética, inerentes a uma profissão, tal como confirma Abreu (2001, p.18), numa análise ao processo de construção de identidades dos enfermeiros, ao revelar que vários estudos concluíram que, apesar de as identidades profissionais se sedimentarem após um contato profundo e prolongado com os contextos de trabalho, a matriz, a identidade profissional de base é formada na escola.

De acordo com Esteves (2012) a formação académica proporciona a assimilação de valores e funções que regem o funcionamento da vida de um grupo profissional e das relações destes com a sociedade em geral. No mesmo sentido para Krawulsky (2004) a identidade profissional é constituída pelo desejo, pela prática, pela supervisão, pela formação continuada e, por isso, é um processo permanente, que começa durante a formação académica, mas que ganha consistência a partir da inserção no mundo do trabalho, construindo-se pela experiência e pelo exercício concreto da prática profissional em interação permanente com outros profissionais. É, portanto, na trajetória profissional de trabalho que se pode localizar a efetiva expressão da identidade profissional.

Machado (2003), fazendo referência a Sainsaulieu (1988, 1995), refere que a identidade profissional resulta de um processo de aprendizagem cultural relativo à prática de poder no exercício quotidiano do trabalho e a empresa constitui um importante lugar de socialização, que a par da escola e da família modela atitudes, comportamentos e elabora um conjunto de papéis sociais reconhecidos pelos seus companheiros de trabalho, construindo uma verdadeira identidade profissional. Mas segundo o autor a identidade no trabalho é um processo que interfere, também, a nível afetivo e cognitivo, uma vez que se produz uma espécie de mentalidade coletiva e se estabelecem vínculos afetivos com os indivíduos com os quais se convive no ambiente de trabalho.

Ora, neste sentido, as relações vivenciadas no local de trabalho, moldam, em parte, o individuo de modo a afetar, também, a sua identidade pessoal e social. De tal forma, que, tal como afirma Krawulsky (2004), em diversas situações da vida quotidiana, faz

todo o sentido que a uma pergunta do tipo “Quem és tu?”, a resposta possa ser “Sou professor”, “Sou médico”, “Sou Contabilista”, etc.

2.4. O contabilista e a sua identidade profissional

Muito se tem debatido a respeito do papel e da imagem da profissão de contabilista, de forma a compreender a sua importância, as suas expectativas e as expectativas dos outros relativamente ao profissional de contabilidade. Na verdade, a harmonia entre o que fazem os profissionais e o que a sociedade espera deles desempenha um papel fundamental no processo de reconhecimento social.

Segundo Low et al. (2012) a identidade profissional do contabilista é um conjunto de características e atributos desejáveis que dão um corpo profissional ao seu status na sociedade. Para os autores, os traços normalmente associados à área da contabilidade incluem a competência, a confiabilidade, a integridade, a objetividade. E, ainda, habilidades de comunicação oral e escrita, tal como salientado por Parker e Warren (2013). Myers (2002), através de entrevistas realizadas a vários contabilistas concluiu que os requisitos que deviam cumprir para exercer o cargo de chefes de departamentos financeiros era serem criativos, motivados, enérgicos, comunicativos e com forte capacidade de gestão.

Diversos autores defendem que o papel do contabilista tem vindo a mudar ao longo dos tempos, no sentido de se adaptarem às necessidades das empresas, deixando de ser meros controladores de números e tornando-se conselheiros de negócios (Guerra et al. 2011; Warren e Parker, 2009).

A contabilidade de gestão tem vindo a ganhar importância no mundo empresarial, envolvendo cada vez mais o contabilista no processo de tomada de decisão (Rowe et al; 2008), o que contribuiu para que o contabilista deixe de ser visto como o tradicional *beancounter* e passe a parceiro de negócio e conselheiro de gestão. Para Warren e Parker (2009), identidade e imagem estão diretamente relacionadas. Apesar da vasta literatura sobre imagem e estereótipo do contabilista, a literatura sobre a sua identidade profissional é, ainda, bastante reduzida. Mas alguns autores convergem no facto de a identidade profissional contribuir para uma imagem mais credível e confiável do

contabilista na sociedade (Dimnik e Fenton, 2006; Empson, 2004; Parker e Warren, 2013).

Fenton et al. (2008) afirmam que a identidade profissional é uma questão de extrema importância para o contabilista, dado que esta é uma profissão onde os padrões éticos são muito elevados. No entanto, Morales e Lambert (2013) alertam para o facto de as tarefas que os contabilistas executam serem incompatíveis com as identidades a que os próprios aspiram.

Segundo Warren e Parker (2013), o tradicional estereótipo de contabilista ainda persiste, no entanto existe uma notória tentativa de o contrariar através de estratégias personalizadas e do desenvolvimento da sua identidade profissional com base nos valores globais de vida. Neste estudo os autores procuraram, segundo a perspectiva dramática de Goffman, analisar a construção da identidade profissional do contabilista utilizando auto-fotografias e entrevistas a contabilistas da Austrália e do Reino Unido. Concluíram que o tradicional estereótipo de contabilista ainda persiste em níveis micro e macro sociais, no entanto os contabilistas tentam contrariar este estereótipo com estratégias personalizadas e desenvolvendo a sua identidade profissional através de um conjunto de valores globais de vida.

Também Jeacle (2008), com base na obra de Goffman, analisou a literatura de recrutamento de algumas empresas de contabilidade, na tentativa de desvendar as técnicas implementadas pela profissão para camuflar o estereótipo negativo a que é associada. Concluiu que o discurso de recrutamento é uma etapa importante no processo de socialização profissional e é usado para construir uma imagem do contabilista mais moderna e divertida, em detrimento do tradicional guarda-livros chato.

Guerra et al. (2011), num estudo onde analisaram as representações sociais dos contabilistas segundo os próprios trabalhadores de contabilidade, concluíram que relativamente à profissão a consideram regulamentada e abrangente, com muitos desafios, principalmente devido às mudanças constantes e, por conseguinte, é uma profissão de muita responsabilidade. Destacam, também, que é uma profissão em grande evolução, não só em termos da referida abrangência, mas porque já deixou de ser vista, unicamente, como um custo para as empresas e passou a ser encarada como uma mais-valia no que concerne ao fornecimento de informações importantes para a gestão. Outra das conclusões a que chegaram é que é uma profissão adorada por aqueles que

nela trabalham. Relativamente ao contabilista os trabalhadores de contabilidade autocaracterizaram-se como amigos, responsáveis, éticos e polivalentes, uma vez que são capazes de atuar em diversos segmentos. Em suma, e no que se refere à construção das identidades, os autores afirmam que as representações sociais “são formadas não só pela vivência em grupo e alimentadas pelas comunicações entre os seres humanos, mas carregam, em si, implicações afetivas, interiorização de experiências, práticas e modelos de condutas. Por seu turno, elas acabam moldando comportamentos e ações, ajudando a formar ou reforçar representações já existentes.

2.5. Imagem e identidade do contabilista na sociedade

As noções de identidade e imagem são, indiscutivelmente, inseparáveis e altamente relacionadas (Warren e Parker, 2009). A imagem pública do contabilista é uma questão bastante discutida, por muitos autores. É uma preocupação que existe há mais de 40 anos (Carnegie e Napier, 2010) e que vem crescendo ao longo do tempo, não só porque essa imagem vem, sistematicamente, sendo associada a um estereótipo negativo, onde o profissional de contabilidade é visto como tradicional e aborrecido. Mas, também, porque os escândalos financeiros que abalaram grandes instituições, como o caso da Enron, vieram contribuir para a desacreditação da profissão.

Por outro lado, a globalização e a revolução tecnológica em que a informação circula rapidamente e se torna valiosa, quando disponibilizada atempadamente, nomeadamente em termos empresariais, em que a informação e as decisões tomadas em tempo real são cada vez mais importantes, fazem do contabilista uma componente imprescindível, uma vez que este detém em primeira mão a informação das empresas.

É neste contexto que a discussão sobre a imagem do contabilista, se continua a manter atual e relevante e se apresenta como uma preocupação crescente, uma vez que a escolha de uma carreira profissional depende, em grande parte, do valor e da imagem pública dessa profissão. Neste sentido Jeacle (2008) afirma que o estigma do estereótipo do contabilista tem um grande peso na profissão e o facto de ser visto como pessoa desagradável pode representar um potencial problema para o recrutamento para a profissão.

Diversos estudos realizados, analisaram a imagem que o contabilista tem na sociedade em geral e os estereótipos a que é associado (Bougen, 1994; Carnegie e Napier, 2010; Warren e Parker, 2009), mas também as percepções que determinados grupos específicos têm do contabilista (Byrne e Willis, 2005; Costa, 2011; Gomes, 2009; Hammami e Hossain, 2010; Hunt et al. 2004; Lopes, 2014; Parker, 2000; Wessels e Steenkamp, 2009), assim como a imagem destes profissionais nos *media*, na imprensa, no cinema e na televisão (Baldvinsdottir et al., 2009; Dimnik e Felton, 2006; Felton et al., 2007; Friedman e Lyne, 2001; e Hoffjan, 2004, entre outros). Serão, de forma breve, referidos, apenas, alguns destes estudos, uma vez que esta não é a questão central desta investigação, mas pode ajudar a entender como a identidade individual e profissional pode ser influenciada pela sociedade.

Começa-se por Costa (2011) que num estudo exploratório sobre as percepções que administradores de empresas e clientes de escritórios de contabilidade têm do contabilista, com recurso a entrevistas e inquéritos, concluiu que, no geral, os consideram inteligentes, éticos, bons conselheiros, responsáveis e com sentido de humor. Também Hunt et al. (2004), num estudo sobre as percepções que os estudantes da Universidade Western Illinois têm do contabilista, concluíram que os contabilistas são bons profissionais, mas relativamente a qualidades humanas são vistos de forma mais negativa, considerando-os pessoas desinteressantes.

Já Gomes (2009), num estudo aplicado a alunos de ciências económicas da Universidade do Minho e do Instituto Superior de Contabilidade da Universidade do Porto concluiu que, neste grupo, os contabilistas são vistos como organizados, responsáveis, competentes e inteligentes e, adicionalmente, afirma que uma grande parte dos alunos participantes revelam interesse em estudar e trabalhar na área.

Hammami e Hossain (2010), num estudo sobre as percepções de estudantes e profissionais da área de negócios, concluíram que os inquiridos têm uma opinião positiva da profissão. Essa percepção positiva é mais visível nos estudantes do que nos profissionais. Já Byrne e Willis (2005), através de um questionário feito a alunos do ensino secundário, concluíram que este grupo tem uma percepção negativa do contabilista. Também Lopes (2014) realizou um estudo com o objetivo de aferir qual a opinião de alunos do secundário sobre o contabilista e a profissão. Através do método de questionário concluiu que estes alunos consideram a contabilidade uma profissão

estruturada, precisa, solitária e pouco interessante e consideram os contabilistas organizados, responsáveis, com bons conhecimentos de matemática e fiscalidade, competentes, inteligentes, educados e também maus conselheiros de negócios, monótonos, sedentários e aborrecidos, não tendo, portanto interesse na profissão.

Wessels e Steenkamp (2009), num estudo sobre as noções preconcebidas de estudantes da África do Sul sobre os contabilistas verificaram que os alunos vêem os contabilistas como estruturados, precisos e indivíduos solitários e acham a profissão interessante. Já Parker (2000) refere que o estereótipo dos contabilistas pode ser descrito como: masculinos, introvertidos, cautelosos, metódicos, sistemáticos, anti-sociais e aborrecidos.

Relativamente à imagem que o cinema tem projetado do contabilista, Dimnik e Felton (2006) analisaram a representação do contabilista em 121 filmes compreendidos no período entre 1932 e 2000, nos quais 168 das personagens eram contabilistas. As conclusões a que chegaram mostram que o contabilista tanto é representado como herói, ou como vilão. E pode ser visto como trabalhador e excêntrico. Na mesma linha Felton et al. (2007) analisaram 110 filmes, concluindo que são representados como pessoas honestas, confiáveis, íntegras e, também, pacatos e aborrecidos.

Baldvinsdottir et al. (2009) investigaram em que medida a imagem do contabilista está associada ao discurso usado em anúncios de software de contabilidade entre 1970 e 2010, ou seja, foi feita uma tentativa de investigar a imagem do contabilista, produzida nos anúncios de software e se essa imagem reflete alguma mudança na sociedade. Metodologicamente, este estudo baseou-se na perspetiva Barthesiana e no trabalho de Giddens sobre a modernidade. Verificou-se que, na década de 1970 e 1980, a imagem do contabilista foi construída como sendo uma pessoa responsável e racional. Na década de 90 apresenta-se mais ativo e mais poderoso. No entanto, num anúncio recente o contabilista foi apresentado como uma pessoa mais preocupada com o seu bem-estar e sem interesses a longo prazo nos negócios. Esta mudança social poderá estar associada aos escândalos financeiros ligados ao caso da Enron. Hoffjan (2004) baseado em publicidade em revistas e jornais alemães concluiu que os contabilistas são vistos positivamente no que concerne ao seu profissionalismo, mas negativamente no que respeita a questões de personalidade.

Smith e Jacobs (2011) realizaram um estudo pioneiro, com o objetivo de apresentar uma análise da caracterização da contabilidade e do contabilista na música popular, considerando que a música oferece uma poderosa visão sobre as percepções sociais relativas à contabilidade, e serve para refletir e reforçar essas percepções. Para a concretização desta investigação pesquisaram letras de músicas com termos de busca “contabilista”, “contabilidade”, “contas”, entre outros termos contabilísticos. Seguidamente, após a seleção das letras, foi analisada a forma como o contabilista ou a atividade contabilística foram apresentados. Dos resultados obtidos pelos autores é de salientar que se concluiu que algumas canções refletem a imagem dos contabilistas como responsáveis por atividades fraudulentas, em que se exploram os pobres, em benefício dos ricos. No geral, a representação da contabilidade na música popular tende a se aproximar das conclusões retiradas de outros estudos sobre a imagem do contabilista.

Dentro da mesma ideia, Miley e Read (2012) realizaram o seu trabalho com o objetivo de melhorar a compreensão sobre o estereótipo do contabilista, analisando a sua caracterização em piadas contemporâneas e na *commedia dell'art*, que é uma forma de teatro de improviso. Concluíram que a caracterização do contabilista em piadas contemporâneas é consistente com caracterizações do contabilista em outras áreas da cultura popular, nomeadamente, com Evans e Fraser (2012) que exploraram as origens sociais dos contabilistas escoceses e o estereótipo de contabilista retratado na ficção popular. Para a prossecução do seu estudo usaram os romances policiais do contabilista certificado escocês Alexander Clark Smith como uma lente através da qual analisaram as origens sociais e representações populares do contabilista. Este estudo é inovador uma vez que analisa a imagem do contabilista tendo por base a personagem de um contabilista-herói que com as suas habilidades descobre casos de corrupção, e que pelo seu potencial de influenciar a construção da imagem social do contabilista na imaginação popular merece a devida atenção.

De um modo muito geral e, segundo Carnegie e Napier (2010) e Jeacle (2008), os estudos sobre os estereótipos do contabilista dizem-nos que, por um lado, é considerado honesto, metuculoso e educado. E, por outro, como aspetos negativos, é visto como tímido, maçador, desinteressante e presunçoso.

2.6. Em resumo

Neste segundo capítulo procurou-se enquadrar teoricamente este estudo através de uma revisão de literatura, que abarcou, primeiramente, a utilização da fotografia como método de investigação científica, a sua importância e as vantagens e limitações da sua utilização em pesquisas. Nos pontos seguintes procurou-se através da revisão bibliográfica explicar a construção das identidades, nomeadamente, a identidade pessoal, a identidade social e a identidade profissional, fazendo uma breve referência à Teoria da Identidade Social e à Teoria das Representações Sociais.

No ponto quatro deste capítulo procurou-se especificar a construção da identidade profissional do contabilista, recorrendo para tal à revisão bibliográfica sobre a temática. No ponto número cinco procurou-se estabelecer a ligação entre identidade e imagem, referindo diversos estudos sobre a imagem do contabilista na sociedade, os estereótipos ao qual é associado e como é representado no cinema, nos media, na musica, etc.

No próximo capítulo será abordado o enquadramento metodológico, onde se faz referência à metodologia utilizada, caracterização da amostra e formas de recolha de dados. E aborda-se, ainda, o quadro teórico que servirá de base a este estudo.

Capítulo III - Metodologia

Os procedimentos metodológicos caracterizam uma importante parte da investigação, uma vez que indicam o caminho a seguir ao longo do estudo, para atingir resultados verdadeiros e fidedignos.

Assim, serão a seguir apresentados os procedimentos metodológicos adotados nesta dissertação, atendendo à caracterização da pesquisa, da população e da amostra e das técnicas de recolha e análise de dados, bem como o enquadramento teórico adotado.

3.1. Problemática de Investigação

A escolha desta problemática de estudo prende-se, por um lado, com um conjunto de preocupações decorrentes da formação e atividade profissional do investigador, uma vez que no decorrer deste estudo se tornou profissional em contabilidade, passando, assim, a fazer parte deste grupo de profissionais e a partilhar os anseios e preocupações inerentes à profissão.

Por outro lado, como demonstrado no capítulo anterior, existem diversos estudos sobre as perceções que determinados grupos ou o público em geral têm do contabilista, seus estereótipos, características, traços e atributos (Warren e Parker, 2009) mas a literatura existente sobre a identidade profissional do contabilista é, até ao momento, muito limitada (Parker e Warren, 2013). Partindo do pressuposto que o exercício de uma profissão, além de representar uma forma de sobrevivência, constitui, também um meio de reconhecimento social e pessoal e dada a importância da imagem nos grupos sociais e/ou profissionais, pois as perceções de terceiros influenciam os comportamentos de um grupo e a imagem do grupo na sociedade influencia os comportamentos de terceiros perante o grupo, esta investigação procura contribuir para o conhecimento do profissional de contabilidade, numa área menos abordada, a construção da identidade profissional. Nesse seguimento, nesta investigação, a ênfase é colocada dentro do grupo em análise, tentando perceber o que os contabilistas pensam de si mesmos, o que querem transmitir aos outros, qual a imagem que pretendem ter na sociedade e de que forma desenvolvem a construção da sua identidade profissional.

Este grupo de profissionais é particularmente interessante, pois, além do referido acima, tem a particularidade de a sua atividade profissional se encontrar regulamentada pela

Ordem dos Contabilistas Certificados, que definiu as competências e os requisitos necessários para o acesso e o exercício da profissão.

Estas são as principais razões para a escolha do tema em estudo, às quais acresce o facto de o termo identidade, por si só, normalmente, despertar interesse, quer de cientistas sociais quer do público em geral, que aliado à análise visual das fotografias dos participantes torna o tema, particularmente, interessante.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como se desenvolve o processo de construção da identidade do contabilista e quais as dimensões que são valorizadas neste processo, tendo por base, em particular, a forma como os mesmos se apresentam em fotografia.

Adicionalmente, os objetivos específicos visam investigar as informações observadas por meio das respostas sobre perceções intrínsecas à faixa etária, experiência profissional e género (sexo). Decorrente do objetivo central, este estudo pretende responder à seguinte pergunta de partida: De que forma os contabilistas se apresentam através de fotografia e quais as dimensões que são valorizadas na construção da sua identidade profissional?

Partindo dos objetivos enunciados anteriormente e da pergunta central deste estudo, destacam-se algumas questões, que pretendemos ver esclarecidas:

- I) Qual a motivação para a escolha da profissão de contabilista?
- II) Qual a importância da formação académica para construção da sua identidade, enquanto profissional?
- III) Que relação estabelece o contabilista com os seus pares e com os diversos atores do seu contexto laboral?
- IV) Qual a importância da profissão de contabilista?
- V) Quais as influências da dimensão pessoal na construção da identidade profissional?
- VI) Quais as perspetivas para o futuro da profissão de contabilista?

3.2. Metodologia Utilizada

Este estudo pretende analisar o processo de construção da identidade profissional do contabilista e como em qualquer investigação foi necessário uma leitura do que outros

investigadores escreveram sobre o tema em estudo, através de uma revisão crítica de literatura, que recorrendo a obras, artigos científicos e outros estudos sobre o conhecimento existente na área em questão, abrange também a forma e os métodos como se têm desenvolvido tais investigações. De notar que a revisão de literatura foi, um pouco, além da área da contabilidade, abrangendo também a psicologia e sociologia, onde o tema da identidade tem sido amplamente discutido. Além disso, é também nessas áreas que se encontra mais enraizada a utilização de métodos visuais em pesquisa, embora, como vimos, já tenham sido dados os passos para a sua utilização em contabilidade.

Entende-se por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade (Minayo, 2001). Nesta investigação recorre-se à metodologia qualitativa, de carácter interpretativo e à metodologia visual.

A pesquisa qualitativa, surgiu inicialmente nas áreas da Antropologia e da Sociologia e estendeu-se, seguidamente, à Psicologia, Educação, entre outras (Neves, 1996). Tornou-se o método de eleição na investigação em Ciências Sociais, uma vez que serve o propósito das mesmas, de compreender a realidade humana e foi a linha metodológica utilizada em outros estudos sobre a identidade do contabilista, nomeadamente, Low et al. (2012) e Parker e Warren (2013).

A pesquisa qualitativa é orientada pelo interpretativismo ou construtivismo, onde se pressupõe que o conhecimento é adquirido através do ponto de vista individual de quem está diretamente envolvido, uma vez que cada indivíduo desenvolve significados subjetivos das suas experiências (Creswell, 2010). Este método compreende, assim, um conjunto de técnicas interpretativas, com o objetivo de traduzir e expressar o sentido dos fenómenos do mundo social, trata-se de reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre contexto e ação (Maanen, 1979). O objetivo do interpretativismo é explicar aspetos relevantes que acontecem na vida quotidiana das organizações, procurando essencialmente compreender os fenómenos sociais através dos significados que as pessoas lhe atribuem, e não encontrar conceitos e definições universais (Oliveira, 2010).

A pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos e não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis (Minayo, 2001). A ênfase da pesquisa qualitativa é nos processos e significados, uma

vez que pretende analisar e interpretar aspetos mais profundos do comportamento humano, fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento (Araujo, 2013; Marconi e Lakatos, 2010). Segundo Pedro (2011, p.90, citando Santos e Bastardo, 1997):

Estes métodos são os mais adequados para aceder ao mundo e à vida das outras pessoas num tempo breve. Quando falamos em vida das outras pessoas estamos a falar dos motivos, significados, emoções e outros aspetos subjacentes, também incluindo aqui os atos diários, comportamentos e situações da vida quotidiana.

Neste tipo de metodologia, o processo é essencialmente indutivo, parte-se do singular para o geral, desenvolvendo uma teoria para a compreensão de um tema, de acordo com a interpretação feita pelo investigador às realidades descritas pelos participantes (Bryman e Bell, 2007). No entanto, os pesquisadores não devem fazer julgamentos, nem permitir que os seus preconceitos e crenças influenciem os resultados, uma vez que não é possível submeter os resultados a verificação. Bradley (1993, p.436) recomenda algumas formas de atenuar os problemas de confiabilidade e validação dos resultados na pesquisa qualitativa: conferir a credibilidade do material investigado, zelar pela fidelidade no processo de transcrição que antecede a análise, considerar todos os elementos que compõem o contexto e assegurar a possibilidade de confirmar posteriormente os dados pesquisados.

Os propósitos enunciados nesta investigação enquadram-se, assim, na pesquisa qualitativa e apontam para um estudo de caráter interpretativo, uma vez que se está perante uma realidade que não pode ser quantificada. Logo, pretende-se compreender e interpretar o fenómeno estudado, segundo a perspectiva dos participantes. Godoy (1995) refere algumas características da pesquisa qualitativa, que se afiguram também neste estudo: o ambiente é a fonte direta dos dados e o pesquisador é o instrumento chave, a análise de dados é realizada de forma intuitiva e indutiva pelo pesquisador, não requerendo o uso de métodos estatísticos, a preocupação maior é a interpretação dos fenómenos, segundo a perspectiva dos sujeitos participantes no estudo.

Um dos procedimentos utilizados na pesquisa qualitativa é a análise de imagens e este será o ponto fulcral desta pesquisa, portanto a metodologia visual será, também, utilizada. Campos (2011) num estudo sobre a utilização de imagens e tecnologias visuais em pesquisa social, afirma que a referência às metodologias visuais nos manuais de métodos e técnicas de investigação é praticamente inexistente. No entanto, o mesmo

autor afirma que o emprego desta metodologia tem vindo a tornar-se legítimo e credível, na exploração da realidade social e cultural, principalmente pelo interesse de jovens estudantes e investigadores de ciências sociais, neste método. Prossegue, dizendo, que a tendência será, cada vez mais, para uma vulgarização do uso do audiovisual nas ciências sociais, transformando a máquina fotográfica e a câmara de vídeo em objetos tão vulgares como um gravador de voz, um bloco de notas, um lápis ou uma caneta.

Na mesma linha de pensamento, Warren e Parker (2009) afirmam que já começaram a ser lançadas as bases para a utilização desta metodologia em contabilidade, apesar de ser nas ciências sociais que esta se encontra bem estabelecida. Preston et al. (1996) referem que a riqueza de conhecimentos metodológicos já desenvolvidos por antropólogos visuais tem vindo a ser reconhecida, ressaltando a importância da imagem visual para a definição e desenvolvimento do conhecimento e chamando a atenção dos pesquisadores em contabilidade para o valor desta metodologia.

Segundo Rose (2007) a utilização de imagens num estudo não é, apenas, uma forma de descobrir as verdades que provêm delas, mas sim, um trabalho de justificação e interpretação das mesmas. Assim, neste estudo a entrevista servirá, também, para que os participantes possam explicar o significado da foto que forneceram. Relativamente a este assunto Warren e Parker (2009, p. 213) afirmam que:

...na melhor das hipóteses, este é um método parcial de análise e que aos participantes deve ser dada a oportunidade de explicar o significado de suas imagens ao pesquisador, ao invés de ter as suas intenções adivinhadas por alguém que nunca tenha se encontrado com eles.

Os mesmos autores em consonância com Warren (2005) acreditam que esta é, mesmo, uma questão de ética, uma vez que interfere na qualidade dos dados recolhidos, portanto uma vez que os participantes escolhem a fotografia faz sentido que sejam encorajados a explicarem o significado das mesmas durante a entrevista (Warren e Parker, 2009).

Esta investigação é, deste modo, desenvolvida através da análise de imagens (fotografias dos participantes) e complementada com o recurso a entrevistas semi-estruturadas. E, de acordo com Major e Vieira (2009), a utilização de mais que um método de pesquisa pode ser muito relevante, na medida em que de certa forma a informação obtida por um método pode ser testada em relação à informação obtida pelo outro.

3.3. Caracterização dos participantes

A amostra é constituída por 12 contabilistas, com alguma diversidade no que concerne à faixa etária, experiência profissional e género (sexo). Esta diversidade pode tornar-se, particularmente, interessante, caso seja possível retirar conclusões exploratórias diferentes, relativamente aos diferentes segmentos. A escolha dos participantes foi feita de forma deliberada, tratando-se de uma amostra por conveniência e tendo, apenas, como critério de seleção a inscrição na Ordem dos Contabilistas Certificados e a forte convicção de que pudessem fornecer informações interessantes para o estudo. Foi garantida a confidencialidade dos entrevistados e obtida a sua autorização para utilizar a sua fotografia com distorção do rosto.

O número de participantes, a forma de seleção e a subjetividade inerente ao estudo não garantem, portanto, que a amostra seja representativa de toda a população, isto é, do grupo a que pertencem. O que como se entende não é, também, esse o objetivo do estudo, mas sim, dar um contributo para o conhecimento do tema em análise.

Apresenta-se na Tabela 1 a caracterização dos participantes:

Tabela 1 - Caracterização dos participantes

Participante	Idade	Género	Ano de inscrição OCC	Anos de trabalho na área de contabilidade	Situação profissional atual
P1	68	Homem	1988	55	Indep./Cta.Outrem
P2	38	Homem	2003	20	Socio-Gerente
P3	36	Mulher	2015	9	Cta.Outrem
P4	34	Mulher	2004	12	Indep./Cta.Outrem
P5	25	Mulher	2015	4	Cta.Outrem
P6	53	Mulher	1988	36	Independente
P7	39	Mulher	2003	13	Socia-gerente
P8	29	Homem	2013	4	Indep./Cta.Outrem
P9	38	Mulher	2001	4	Não exerce
P10	27	Homem	2012	4	Cta. Outrem
P11	40	Mulher	1999	13	Cta. Outrem
P12	59	Homem	2000	35	Socio-gerente

3.4. Recolha de dados

Para a recolha de dados solicitou-se a cada participante que se fotografasse a si mesmo (ou que alguém o fotografasse), em contexto de trabalho, de forma a demonstrar o que é para si ser contabilista. Ou seja, o objetivo é que cada elemento da amostra se fotografe com os objetos, a roupa, os gestos, a pose, etc, que, segundo, os próprios melhor transmitam a imagem que querem passar de si mesmos, enquanto profissionais da contabilidade. Tal como referem Warren e Parker (2009) a aparência pessoal e a comunicação não verbal são de importância vital na impressão que deixamos aos outros. Os mesmos autores, com a referência a Baudrillard (1998), mencionam a importância da roupa, das poses e da decoração do espaço na sociedade de consumo contemporânea e, com referência a Warren (2006) e Halford (2004), afirmam que a existência de objetos no local de trabalho, mais do que a servir de mera decoração, tem importantes funções afetivas e simbólicas.

Além disso, a recolha de dados é, também, desenvolvida através de entrevistas presenciais (gravadas e transcritas), que segundo Opdenakker (2006) e Major e Vieira (2009) é a técnica dominante no campo da pesquisa qualitativa, uma vez que permite compreender um determinado fenómeno social através das experiências dos participantes. De acordo com Cohen et al. (2007), a entrevista de estudo pode ser usada como principal meio de recolha de informação relacionada com os objetivos da investigação. Segundo Quivy e Campenhoudt (2003), a utilização do método de entrevista permite ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. Para Duarte (2004, p. 215):

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, recolhendo indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside às relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

A entrevista utilizada é a semi-estruturada, onde se pressupõe que o investigador tem uma lista de questões a serem abordadas, mas a entrevista, embora seguindo, segundo o planeado, permite alguma flexibilidade. Este tipo de entrevista permite, ainda, que o

entrevistado tenha alguma liberdade para desenvolver as respostas da forma mais adequada e aprofundar os aspetos que considere mais pertinentes (Quivy e Campenhoudt, 2003).

De acordo com Warren e Parker (2009), a pesquisa gerada através de fotografias e entrevistas semi-estruturadas é uma metodologia frutífera e um caminho a seguir para explorar o processo de construção da identidade e as perceções e perspetivas dos contabilistas.

Assim este é o caminho adotado neste estudo e, como já referido, foi solicitado aos participantes que tirassem uma fotografia onde demonstrassem o que é para cada um deles ser contabilista. Após a recolha das fotografias dos participantes a cada um deles, de forma individual, foi efetuada uma entrevista semi-estruturada (ver Apêndice 1), com o objetivo de, primeiro, perceber que cuidados tiveram para tirarem a fotografia e que imagem pretendiam passar com essa fotografia e, segundo, perceber, entre outras, as razões que os levaram a escolher a profissão e qual é, neste momento, o seu estado de espírito relativamente à mesma, na tentativa de recolher informação que permita responder aos objetivos e perguntas de partida desta dissertação.

As entrevistas foram efetuadas entre 30 de Setembro e 20 de Dezembro de 2016 e tiveram uma duração entre 42 e 96 minutos. A recolha das fotografias foi feita alguns dias antes da entrevista realizada a cada um dos participantes.

3.5. Enquadramento Teórico

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua aceção primeira queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do facto de que todo o homem está sempre e em todo o lugar, mais ou menos, conscientemente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos (Goffman, 2002, p.27).

Para Goffman (2002) a máscara a que se refere é o verdadeiro eu de cada pessoa, pois reflete aquilo que ela gostaria de ser, tornando-se parte integrante da sua personalidade, é a imagem que o individuo cria de si próprio e pela qual quer ser reconhecido.

Segundo Goffman (2002), particularmente na dimensão profissional, tentar mostrar-se um pouco melhor do que aquilo que se é, é uma forma de evoluir e aprender, pois o individuo tentará adotar esses atributos, por serem admirados pelos outros. O autor

(2002, p.39) afirma que “um profissional pode concordar em desempenhar um papel muito modesto na rua, numa loja ou em sua casa, mas na esfera social que abrange a sua competência profissional preocupar-se-á muito em dar uma demonstração de eficiência”.

É, com base neste quadro teórico que se desenvolve esta dissertação, partindo do princípio que na construção da sua identidade profissional, o individuo assume um papel que se adequa à posição que ocupa e que reflete a imagem pelo qual quer ser reconhecido pelos outros. E, de forma particular, no caso do contabilista Warren e Parker (2009) afirmam que este, normalmente, age da forma adequada e desejada para a profissão que exerce, como que um ator que interpreta um papel. Parker e Warren, (2013), com referência à teoria de Goffman, acreditam que a identidade profissional do contabilista se constrói através da representação que o individuo faz de si e que, por vezes, essa representação tem de ser moldada de forma a se ajustar às expectativas que a sociedade tem relativamente a ele. A representação que o contabilista faz de si mesmo é, assim, uma fonte de impressões que este quer deixar aos outros, mas como refere Goffman é, também, parte daquilo que ele é. Relativamente à forma de como são criadas as representações Goffman (2002, p. 230) entende que:

A noção geral de que fazemos uma representação de nós mesmos para os outros não é uma novidade. O que deveria ser acentuado para concluir, é que a própria estrutura do “eu” pode ser considerada segundo o modo como nos arranjam para executar estas representações na nossa sociedade.

3.6. Em Resumo

Neste capítulo é apresentada a metodologia adotada para a realização deste estudo. No ponto um expõe-se a problemática em estudo, referindo as razões para a escolha do tema, que de forma muito resumida são: o interesse despertado pelo tema da identidade e a limitação de estudos sobre a construção da identidade profissional do contabilista, face à diversidade de estudos sobre perceções, estereótipos e papéis associados ao contabilista e o interesse particular da investigadora uma vez que faz parte deste grupo de profissionais. Além disso a utilização de fotos torna o estudo particularmente interessante, o que contribuiu também para a escolha do tema. Ainda neste ponto descreve-se o objetivo geral desta pesquisa, que é compreender como se desenvolve o processo de construção da identidade do contabilista e quais as dimensões que são

valorizadas neste processo, tendo por base, em particular, a forma como os mesmos se apresentam em fotografia. Adicionalmente, os objetivos específicos visam investigar as informações observadas por meio das respostas sobre perceções intrínsecas à faixa etária, experiência profissional e género (sexo).

No ponto dois deste capítulo é feita a descrição da metodologia de investigação utilizada, que neste estudo são duas, a metodologia visual e a metodologia qualitativa de carácter interpretativo. No ponto três é feita a caracterização dos participantes e no ponto quatro a caracterização das técnicas de recolha de dados.

No ponto cinco é apresentado o enquadramento teórico deste estudo. Tendo por referência a gestão de impressões de Goffman descrito sumariamente o quadro teórico que serve de base à elaboração desta dissertação.

No capítulo seguinte é apresentada uma breve contextualização e desenvolvimento da profissão de contabilista em Portugal. No ponto seguinte é feita uma síntese do perfil dos participantes na pesquisa, seguidamente é feita uma discussão de resultados, tendo por base a análise das fotografias fornecidas pelos participantes e a informação recolhida nas entrevistas realizadas aos mesmos.

Capítulo IV - A profissão de contabilista em Portugal e representação visual que o contabilista faz de si mesmo

Neste capítulo são apresentados os 12 contabilistas participantes da pesquisa, bem como o processo de construção da identidade profissional por eles relatado, assim como a análise das fotografias por eles fornecida, onde se retratam, enquanto contabilistas.

Mas, primeiramente, faz-se uma contextualização da profissão de contabilista em Portugal.

4.1. Contextualização e desenvolvimento da profissão de contabilista em Portugal

A evolução da profissão contabilística, em Portugal, foi caracterizada por períodos de avanços e períodos de recuos, correspondentes a períodos de regulamentação e desregulamentação na profissão (Rodrigues e Gomes, 2002). De uma forma resumida, a primeira manifestação da profissão, em Portugal, deu-se com a criação da aula do comércio pelo Marquês de Pombal, em 1759, onde a designação prevista nos Estatutos era a de “Guarda-Livros”. Muito tempo mais tarde, em 1963, o Código de Contribuição Industrial (CCI), aprovado pelo Decreto-Lei nº 45103, consagrou a profissão contabilística na legislação fiscal, designando o profissional de contabilidade como “Técnico de Contas” (Guimarães, 2009).

É de referir, também, a fundação da Associação Portuguesa de Contabilistas (APC), em 1975, e da Associação Portuguesa de Técnicos de Contabilidade (APOTEC), em 1977, que muito contribuíram para a evolução da profissão. O ano de 1977 ficou marcado, também, pela aprovação do Plano Oficial de Contabilidade (POC), pelo Decreto-Lei nº 47/77, de 7 de Fevereiro (Rodrigues et al., 2003).

Um dos períodos de desregulamentação da profissão referida acima, aconteceu em 1986 com a entrada de Portugal na CEE e consequente adoção das diretivas europeias, que ditaram o fim da obrigatoriedade da assinatura dos profissionais de contabilidade nas declarações fiscais (Rodrigues e Gomes, 2002).

Em 1995 com a criação da Associação de Técnicos Oficiais de Contas (ATOC) e a publicação do seu primeiro estatuto aprovado pelo Decreto-Lei nº 265/95 surge a designação de “Técnico Oficial de Contas (TOC)” e a profissão ganha novo fôlego com

a obrigação de todas as empresas terem um TOC responsável pelo cumprimento das declarações e obrigações fiscais (Guimarães, 2009).

A ATOC foi em 1999 convertida em Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas (CTOC) e em Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC), em 2009. A OTOC e a designação de “Técnico Oficial de Contas” mantiveram-se até 2015, onde por força da aprovação do Decreto-Lei nº 139/2015 de 2 de Setembro, o profissional de contabilidade passou a designar-se de “Contabilista Certificado” e a OTOC passou a OCC. No ano de 2009 é aprovado o Sistema de Normalização Contabilística (SNC) pelo Decreto-Lei nº 158/2009 de 13 de Julho, que substituiu o POC.

No seu trabalho, e segundo o constante no Estatuto da OCC, aprovado pelo Decreto-Lei nº 139/2015, o contabilista planifica, organiza e coordena a execução da contabilidade das entidades que possuam contabilidade organizada, segundo os planos de contas oficialmente aplicáveis. Assume a responsabilidade pela regularidade técnica, nas áreas contabilística e fiscal e pela supervisão dos atos declarativos para a segurança social e para efeitos fiscais relacionados com o processamento de salários das entidades às quais presta serviços e assina, conjuntamente com o representante legal das entidades, as respetivas demonstrações financeiras e declarações fiscais. Compete, ainda, ao contabilista exercer funções de consultoria nas áreas da contabilidade e da fiscalidade e intervir, em representação dos sujeitos passivos por cujas contabilidades sejam responsáveis, na fase graciosa do procedimento tributário e no processo tributário, até ao limite a partir do qual, nos termos legais, é obrigatória a constituição de advogado, no âmbito de questões relacionadas com as suas competências específicas. Assim como, desempenhar quaisquer outras funções definidas por lei, relacionadas com o exercício das respetivas funções, designadamente as de perito nomeado pelos tribunais ou por outras entidades públicas ou privadas.

O referido Decreto-Lei aprovou, também, o Código Deontológico da Ordem dos Contabilistas Certificados, que à semelhança do anterior, diz que todos os profissionais devem respeitar as normas legais e princípios contabilísticos em vigor, no exercício das suas funções, orientando-se por princípios deontológicos gerais e comuns, como, a integridade, idoneidade, independência, responsabilidade, competência, confiabilidade, equidade e lealdade profissional.

A nível de requisitos e competências a exigência é alta e devem integrar conhecimentos de contabilidade e finanças, conhecimentos organizacionais e de negócios e, ainda, conhecimentos informáticos ao nível do utilizador. A OCC definiu também a formação académica e a unidades curriculares a frequentar, assim, como a obrigatoriedade de realizar estágio profissional e exame de admissão à Ordem. Refere, ainda, a necessidade continuada de atualização de conhecimentos de forma a manter a competência e o adequado exercício da profissão.

E, de facto, o processo de harmonização contabilística internacional tem exigido do contabilista uma atualização de conhecimentos contínua, onde o *International Accounting Standards Board* (IASB) tem tido um papel central na formulação de normas a seguir nos diversos países.

Por tudo isto, podemos afirmar que a profissão de contabilista é fortemente regulamentada e exige dos profissionais que exercem esta atividade uma panóplia de competências profissionais, pessoais e humanas, assentes em importantes regras éticas e deontológicas, que se refletem na sua identidade profissional.

4.2. Identidade profissional dos contabilistas em estudo

4.2.1. Perfil dos contabilistas participantes

Neste ponto organiza-se a informação obtida através das entrevistas de forma a perceber as características dos participantes (ver também apêndice II). A primeira distribuição é feita tendo em conta o género dos participantes.

Tabela 2. Distribuição da amostra por género

Género	Participantes
Mulheres	7
Homens	5

A segunda distribuição é feita de acordo com a idade dos participantes. O participante mais novo tem 25 anos e o mais velho tem 68 anos.

Tabela 3. Distribuição da amostra por faixa etária

Idade	Participantes
20 - 30	3
31 - 40	6
41 - 50	0
51 - 60	2
60 - 70	1

De seguida faz-se a distribuição dos participantes segundo os anos de trabalho na área de contabilidade. De destacar que todos os participantes já trabalhavam na área de contabilidade antes de realizarem com sucesso o exame para serem membros da OCC.

Tabela 4. Distribuição da amostra por anos de trabalho em contabilidade

Anos de trabalho	Participantes
0 - 10	5
11 - 20	4
21 - 30	0
31 - 40	2
+ 40	1

Por ultimo distribui-se os participantes de acordo com a sua situação profissional. Neste ponto a distribuição entre aqueles que exercem a profissão como trabalhadores independentes, como trabalhadores por conta de outrem ou ambos os regimes e observam-se três participantes que são sócios-gerentes de gabinetes de contabilidade e uma que no momento não está a exercer a profissão, por opção própria.

Tabela 5. Distribuição da amostra por situação profissional

Situação Profissional	Participantes
Trabalhador Independente	1
Trab. Conta de Outrem	4
Trab. Indep. / Trab. Cta. Outrem	3
Sócio-gerente	3
Não exerce	1

4.2.2. Representação visual do contabilista – fotografia

A fotografia contribui para a construção da identidade pessoal de um indivíduo perante os outros, pois, desde a sua origem tem vindo a desenvolver-se como um poderoso meio de representação que possibilita a construção e transmissão de uma determinada imagem de si, para si e para os outros (Caetano, 2007). Ao fotografar dá-se importância a determinados detalhes, aos ângulos e ao cenário que nos rodeia, às atitudes corporais, ao visual, etc, (Paz e Oliveira, 2013), uma especial atenção à imagem que passamos de nós aos outros.

Ao analisar as fotografias fornecidas pelos participantes pode observar-se que dez dos doze escolheram o escritório onde trabalham como local para tirar a fotografia. Desses dez, sete participantes encontram-se sentados atrás da sua secretária e um de pé, também, atrás da sua secretária, com os objetos e material de escritório usado diariamente no seu trabalho, tal como o computador, a impressora, as pastas com documentos e armários de pastas, as canetas, os agraphadores e furadores, etc. Um desses dez participantes tem a sua imagem no centro da fotografia e vê-se ao fundo o escritório, com computador, pastas, etc.

Ainda dentro deste grupo que escolheu o escritório como local para tirar a fotografia, temos a participante 6, que tirou a fotografia ao seu local de trabalho sem a própria aparecer na foto, alegando que a sua imagem enquanto contabilista prende-se, indiscutivelmente, com o local e os objetos que usa como ferramenta de trabalho.

A participante 9, neste momento não se encontra a exercer a profissão, no entanto, na sua fotografia é visível uma secretária, um computador e diversos livros e manuais de contabilidade. Encontrando-se, também, sentada atrás da secretária.

Imagem 1 – Fotografia do participante 3

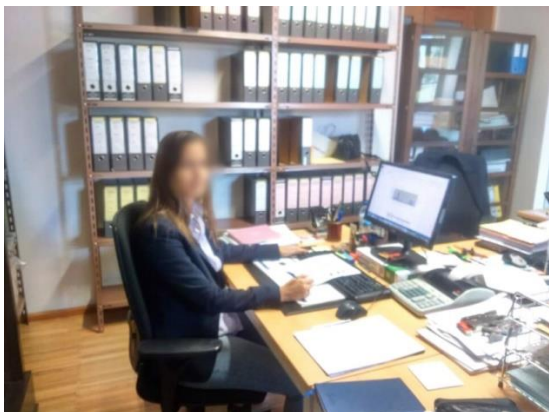
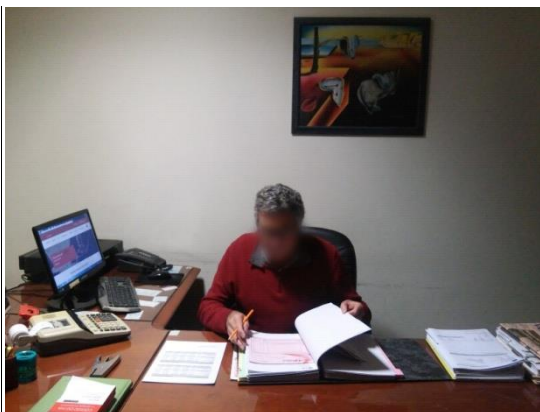


Imagem 2 – Fotografia do participante 12



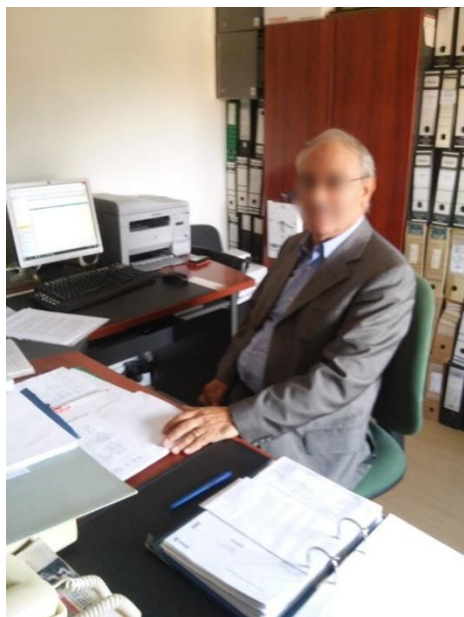
No conjunto das doze fotografias salta à vista, pela diferença, a fotografia fornecida pela participante 5. Esta participante forneceu uma fotomontagem de uma fotografia de face, com “balões de pensamento”, onde se pode ver as imagens de um computador, uma calculadora, um conjunto de pastas e um calendário. Na justificação para a escolha da fotografia explicou que a ideia que quis transmitir é que o contabilista pensa regularmente no seu trabalho, mesmo quando está fora do seu escritório e uma das suas maiores preocupações é os prazos para entrega das diversas declarações fiscais, de segurança social e outras, razão pela qual incluiu um calendário.

Imagem 3 – Fotografia do participante 5



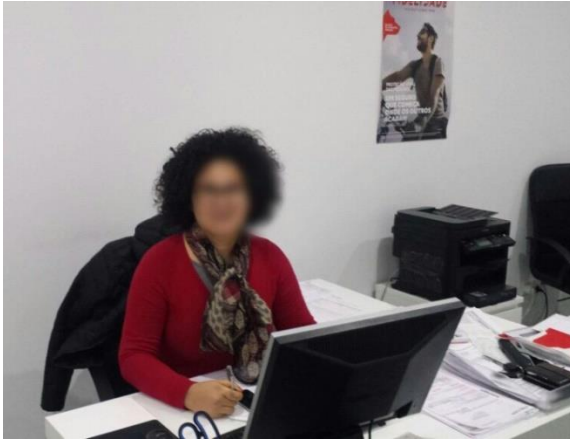
Relativamente à roupa escolhida pelos participantes pode ver-se que quatro dos participantes usam cores vivas como vermelho ou rosa, o participante 8 usa uma gravata vermelha, aliás, este é o único participante que usa gravata. Seis dos participantes usam roupa escura, com cores como preto, azul escuro ou cinzento e um deles usa uma camisa branca com riscas. Ainda dentro deste tópico observa-se que quatro dos doze participantes (duas mulheres e dois homens) usam camisa e blazer.

Imagem 4 – Fotografia do participante 1



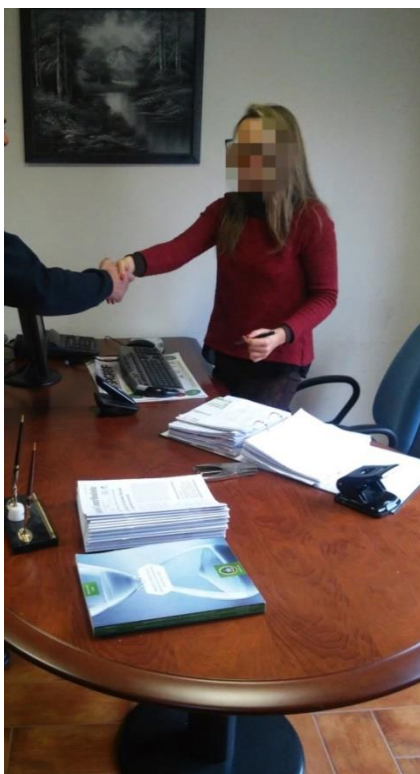
Relativamente à fisionomia dos participantes, pode observar-se que todos os participantes são caucasianos, embora a participante 4 tenha uma pele mais escura e um cabelo estilo afro. Dos doze participantes apenas a participante 7 tem cabelo loiro, embora não seja natural. A estatura dos participantes pode considerar-se média, tanto no caso dos homens, como no caso das mulheres, neste ponto destacamos os participantes 8 e 12, por serem um pouco mais altos que a média dos outros. Relativamente ao peso, não se observa nenhum participante com peso acima do normal. De notar que esta informação foi obtida não só através das fotos mas também, e principalmente, através do contacto visual no momento das entrevistas. Neste ponto pode dizer-se que todos os participantes se apresentam com uma aparência saudável e cuidada e uma imagem bastante sóbria.

Imagem 5 – Fotografia do participante 4



No que respeita à atitude corporal dos participantes nas fotografias, observa-se que 5 estão a olhar diretamente para a camera e 5 estão a olhar para o seu computador ou documentos. Neste ponto destaca-se a participante 7 que na sua fotografia deu a ideia de estar a cumprimentar um cliente e justifica dizendo que a simpatia e a empatia que se cria com o cliente é muito importante, pois deve haver uma relação de respeito e confiança entre cliente e contabilista. É de referir, também, que não se observa nenhum participante de sorriso aberto para a camera, embora em alguns seja visível um sorriso tímido. A razão pelo qual não há nenhuma fotografia onde o participante se apresente com uma atitude mais divertida e extrovertida prende-se, segundo os próprios, com o facto de quererem dar a ideia de seriedade, característica que prezam enquanto profissionais, não sendo, portanto, a atitude que têm na sua vida pessoal e social, entre família e amigos. Neste ponto pode avaliar-se, também, a atitude dos participantes aquando da entrevista, que muito embora, no caso de alguns, fosse visível algum nervosismo, no geral foram bastante abertos e sociáveis, com discursos fluidos, o que vai de encontro ao estudo de Warren e Parker (2012) e Myers (2002) ao afirmarem que os contabilistas são vistos como comunicativos e com habilidades de comunicação oral e escrita. No geral apresentaram-se simpáticos e deixando denotar, até, muito prazer na conversa e na perceção de que os problemas da profissão são alvo de interesse académico, proporcionando diálogos interessantes. A imagem deixada nas entrevistas contraria, assim, Hunt et al. (2004) que relativamente a qualidades humanas dizem que os contabilistas são vistos de forma mais negativa, considerando-os pessoas desinteressantes.

Imagem 6 – Fotografia do participante 7



De uma forma geral pode dizer-se que os contabilistas ao fazerem uma representação deles próprios enquanto profissionais associam, imediatamente, o seu local de trabalho e os objetos e material de escritório que usam no seu dia-a-dia. A maioria dos participantes afirmou não ter tido cuidados adicionais para tirar a fotografia e, portanto, a fotografia que forneceram, no geral, retrata a realidade deles enquanto profissionais, objetivo que entenderam ser pretendido com a pesquisa. Destaca-se o participante 8, que afirmou ter vestido uma roupa mais formal e ter arrumado a “confusão” que por vezes se instala na sua secretária de trabalho. Neste ponto e fazendo uma ligação com o quadro teórico adotado nesta pesquisa é de apontar Goffman (2002) que refere que, particularmente, na dimensão profissional tentar mostrar-se um pouco melhor do que aquilo que se é, é uma forma de evoluir e aprender, pois o indivíduo tentará adotar esses atributos, por serem admirados pelos outros.

4.2.3. O Contabilista e a contabilidade – Resultados das entrevistas

Após a realização das doze entrevistas foi feita uma análise das mesmas (ver apêndice II), com o objetivo de retirar o que de mais importante, interessante, semelhante ou

diferente se podia observar nos dados recolhidos. A discussão dos resultados será feita tendo em conta os temas abordados nas entrevistas.

Motivação para a escolha da profissão

Das respostas recebidas dos participantes sobre a motivação para a escolha da profissão pode concluir-se que a Licenciatura em Gestão é um primeiro passo para seguir a profissão de contabilista, dado que essa foi a justificação de três dos participantes (P3, P5, P9). O que deixa transparecer o recrutamento de formados em gestão para a área contabilidade. De notar que nenhum participante optou pela Licenciatura em Contabilidade antes de ingressar na área profissional de contabilidade. E apenas dois participantes (P2, P6) são licenciados em contabilidade, mas tendo ingressado no curso após estarem a trabalhar na área. A razão que a participante 6 invocou para a escolha da profissão foi o facto de ter surgido uma oportunidade de trabalho na área, iniciando, assim, o seu percurso profissional. O participante 2 não se lembra porque escolheu contabilidade quando optou pelo ensino profissional mas achou interessante. De notar que para colmatar a falta da Licenciatura em Contabilidade alguns participantes fizeram uma pós-graduação em contabilidade.

A estabilidade financeira foi a justificação de um dos participantes (P8) e o facto de dar seguimento ao negócio da família foi a justificação de um outro participante (P7). De referir o participante P1, que justifica dizendo que não gostava de estar em contacto com o público e, portanto, o seu primeiro emprego foi a trabalhar atrás de uma secretária e, posteriormente, seguiu a área de contabilidade. Tendo em conta alguns estudos referidos na revisão de literatura esta justificação está desatualizada dada a realidade de hoje, onde o contabilista deve ser uma pessoa comunicativa e é, portanto, associado a essa característica.

Os restantes participantes alegam ter sido o gosto pelos números (P10 e P12) e o gosto pela área fiscal e contabilística (P4 e P11) a razão para terem escolhido a área de contabilidade.

Voltaria a escolher a profissão

Quando questionados sobre se voltariam a escolher a mesma profissão, sete dos doze participantes responderam que não (P3, P6, P7, P8, P9, P10 e P12). A participante 6

justificou a resposta dizendo que os “CCs para os serviços da AT são sempre vistos como parceiros do empresário e, para o empresário, como funcionários da AT” e além disso são vistos como simples cobradores de impostos. A participante 7 alegou que é uma profissão que exige muita responsabilidade para com os clientes e para com os prazos das obrigações declarativas. No mesmo sentido, para o participante 8 é uma profissão “muito exigente a nível de prazos e penalizações e pouco remunerada e valorizada”. Também a participante 9 justificou a resposta com o elevado nível de exigência da profissão e a obrigação de uma formação constante e o participante 10 alegou que a profissão não é respeitada. A participante 3 justificou a resposta dizendo que não era o que realmente gostava de fazer, foi aprendendo a gostar ao longo do tempo e, por último, o participante 12 disse que gostaria de enveredar pela área em que iniciou a formação, no caso, ciências empresariais.

As respostas recebidas são compatíveis com o estudo de Guerra et al. (2011), onde os autores analisaram as representações sociais dos contabilistas segundo os próprios trabalhadores de contabilidade concluindo que relativamente à profissão a consideraram regulamentada e abrangente, com muitos desafios, principalmente, devido às mudanças constantes e, por conseguinte, é uma profissão de muita responsabilidade. No entanto no estudo referido concluiu-se que a profissão é adorada por aqueles que a exercem, o que relativamente a estes sete participantes não se aplica, uma vez que não voltariam a escolher a mesma profissão.

Quatro dos participantes responderam que talvez voltassem a escolher a mesma profissão (P1, P4, P5, P11) e, apenas, o participante 2 respondeu, com convicção, que voltaria a escolher a profissão de contabilista, embora, segundo o próprio, não se considera o tradicional contabilista, mas antes uma “espécie” de contabilista consultor.

Ainda neste seguimento os participantes foram questionados sobre quais as maiores dificuldades que encontram hoje na profissão, ao qual foram unânimes a responder que as maiores dificuldades são, por um lado, a constante mudança na legislação fiscal e a sua “descabida complexidade” e, por outro, o excesso de burocracia e obrigações declarativas. Pontualmente, referiram, também, a concorrência e deslealdade de preços praticados por alguns colegas, as baixas remunerações pelo trabalho executado, a obrigação constante de atualização de conhecimentos e a falta de apoio por parte de empresas e outras entidades.

O que mais os desilude e o que mais os satisfaz

Quando questionados sobre o que mais os desilude na profissão os participantes referiram, principalmente, os clientes e o pouco respeito, a desvalorização e o não reconhecimento, por parte dos mesmos, da importância do contabilista na empresa (P3, P6, P7, P8, P10, P12). A participante P6 lamenta que para alguns clientes “o contabilista seja tão bom quanto menos impostos apresentar para pagar”. Neste seguimento referiram, também, a não valorização do papel do contabilista por parte de outras entidades com quem lidam frequentemente, como, por exemplo, a AT (P3, P9, P10). Outro dos pontos que os desilude são as constantes mudanças na legislação fiscal, o que a torna difícil de acompanhar e o excesso de obrigações declarativas (P1, P2, P4, P6). Segundo, o participante 4, “apesar da grande evolução informática por parte da AT e Segurança Social, continuamos a ter que ser nós CC’s a ter que suportar o mau planeamento e desaproveitamento da informação prestada, devido à crescente criação de obrigações de natureza fiscal”. De referir a participante 5 que a esta questão respondeu não haver nada em particular que a desilude.

No que toca ao que mais os satisfaz, as respostas obtidas foram mais diversas, apontando a melhoria qualitativa do perfil dos contabilistas, a “consciência de que se o contabilista falha a máquina empresarial e o sistema fiscal e económico não funcionam bem” e a importância e valor da informação que o contabilista fornece às partes interessadas. Para a participante 5 o que mais a satisfaz é o facto de ser uma profissão desafiante, com a necessidade contante de atualização e formação.

E tal como relativamente ao que mais os desilude, a resposta mais ouvida foi “os clientes”, dizendo que o que mais os satisfaz é quando os clientes reconhecem o valor do seu trabalho, “saber que o cliente os considera uma mais valia para a sua empresa”, chegar ao fim de um exercício de atividade e ver uma empresa com resultados positivos não só devido à sua atividade mas também devido às indicações e conselhos do contabilista e perceber que o cliente entende a “mensagem corretamente” e leva em conta os conselhos por eles propostos.

A importância da formação

Questionados sobre se a formação foi a adequada, a maioria dos participantes respondeu que sim, mas, alguns deles, alertando que a formação foi demasiado teórica, sentindo,

portando, a falta de uma parte mais prática, ou seja, equiparada ao contexto de trabalho, utilizando os programas informáticos de contabilidade e simulando a resolução de problemas inerentes à Autoridade Tributária e Segurança Social. O participante 2, que enveredou pelo ensino profissional e só depois fez a formação superior, considera que a formação superior não acrescentou nada em termos de conhecimento. Alguns participantes disseram mesmo que não mudariam nada na sua formação. No entanto alertaram que é na prática, com a experiência de trabalho, que mais se aprende.

Esta opinião está em harmonia com Krawulsky (2004), para quem a identidade profissional é constituída pelo desejo, pela prática, pela supervisão, pela formação continuada e por isso é um processo permanente, que começa durante a formação académica, mas que ganha consistência a partir da inserção no mundo do trabalho, construindo-se pela experiência e pelo exercício concreto da prática profissional em interação permanente com outros profissionais. É, portanto, na trajetória profissional de trabalho que se pode localizar a efetiva expressão da identidade profissional.

Relativamente aos conhecimentos específicos da profissão que consideram mais importantes as respostas foram quase unânimes. Os participantes consideram os conhecimentos de fiscalidade os mais importantes na profissão (P1, P2, P3, P4, P7, P9, P10, P12). Para o participante 2 essa importância é visível nas formações ministradas pela própria OCC onde a aderência por parte dos profissionais é muito maior em formações de atualização da legislação fiscal. Ainda assim, além dos conhecimentos de legislação fiscal os participantes referiram os conhecimentos do SNC, do código do trabalho, os conhecimentos ao nível dos softwares informáticos e, mais uma vez, fazem referência à importância da formação constante.

Os clientes

Questionados acerca do que os clientes esperam do contabilista, o participante 2 respondeu que esperam tudo, alegando que são bombardeados com todo o tipo de correspondência que os clientes recebem, com todo o tipo de “conversa de café” que os clientes ouvem e esperam que o contabilista resolva ou saiba responder a todo o tipo de problemas que surgem na sua empresa ou até na sua vida particular. Para o participante 2 isto ocorre porque ao contrário do que acontece, por exemplo, com um advogado, o contabilista não cobra a consulta, uma vez que tem os honorários mensais fixos. Em

tom de brincadeira diz, ainda, que os clientes “em vez de acabarem no consultório dum psiquiatra, acabam sempre no gabinete do contabilista”.

As participantes 6 e 9 foram unânimes ao dizer que, por vezes, os clientes esperam “milagres”. Para o participante 1 “quando um empresário tem confiança no técnico contabilista sente-se mais seguro perante o Fisco, perante o crédito que possa, porventura, vir a necessitar das entidades bancárias e, até mesmo, perante os desafios do dia-a-dia”. Os restantes participantes para demonstrarem o que os clientes esperam deles utilizaram palavras como: competência, organização, planeamento, perspicácia, confiança, lealdade, seriedade e honestidade no trabalho desenvolvido.

Ainda dentro deste tema, os participantes foram questionados sobre se os clientes valorizam ou não o seu trabalho, pois, tal como vimos anteriormente este é um ponto que, por um lado, mais os desilude e, por outro, mais os satisfaz. Uma parte dos participantes respondeu que, no geral, sim, os clientes valorizam o seu trabalho (P1, P2, P3, P4, P5). Outros responderam que alguns clientes valorizam mas outros não (P6, P7).

Os participantes 8 e 9 responderam que, no geral, os clientes não valorizam o trabalho do contabilista. Sem responder diretamente sim ou não os participantes 10, 11 e 12, alegaram, respetivamente, que a maioria dos clientes vêem o contabilista como uma obrigação, que valorizam o seu trabalho quando se fala, particularmente, em planeamento fiscal e que o contabilista continua a ser visto, pela maioria dos empresários, como o “gerador de impostos para as empresas”. Esta é, aliás, uma frase usada por quase todos os participantes, em diversos momentos, ao longo das entrevistas.

Os colegas de profissão

Outro dos temas sobre o qual os participantes se pronunciaram foi a relação com os colegas de profissão. Das respostas recebidas pode concluir-se que os participantes no estudo mantêm boas relações com os colegas, caracterizando-as como relações amistosas, de proximidade, confiança, interajuda, cooperação, companheirismo, partilha e de respeito mútuo.

Destaca-se o participante 12 que afirma que “com os mais próximos é uma relação profissional pró-ativa, de interação, de proximidade e de bom amigo. Com os restantes, na sua generalidade, é uma relação de respeito profissional e pouco mais. Com a

comunidade contabilista, apoiando e valorizando todas as iniciativas que tragam valor e a afirmação da profissão”.

Apesar das respostas totalmente positivas nesta questão, é de mencionar que ao longo das entrevistas alguns participantes foram fazendo referência à concorrência desleal praticada por alguns colegas de profissão e aos escândalos financeiros que implicam contabilistas. No entanto, consideram que estas situações, apesar de mancharem a imagem dos contabilistas, não representam a classe.

A imagem na sociedade

Como se pode perceber através da revisão de literatura, a imagem do contabilista na sociedade é um tema bastante discutido e, portanto, os participantes teriam, obrigatoriamente, de ser abordados acerca deste tema.

Relativamente ao status social da profissão as opiniões dividem-se, para o participante 1 a profissão de contabilista “está cotada como uma das mais prestigiadas do nosso país” e segundo o mesmo a OCC tem um grande valor e relevância, “não só pelos conhecimentos que tem demonstrado desempenhar, como também pela qualificação que dá aos seus técnicos”. No mesmo sentido a participante 9 acredita que, principalmente em termos de status a profissão está a conseguir alguma notoriedade profissional, opinião partilhada pela participante 7. No entanto, em sentido contrário, o participante 8 afirma que se existia importância em termos de status social, esta tem vindo a diminuir. Para a participante 11 os gabinetes de contabilidade estão bem conceituados e são bem vistos pela sociedade, mas lamenta que os contabilistas que trabalham dentro de empresas não sejam reconhecidos, nem bem vistos por colegas de outros departamentos e pela própria administração.

Ainda no que concerne ao status social da profissão, para o participante 12 a profissão de contabilista ainda não possui o status de outras profissões como de advogados, médicos, engenheiros, etc. A participante 3 afirma que “infelizmente o status não é dos mais elevados, uma vez que são os próprios contabilistas que, de uma forma geral, denigrem a sua imagem”. Para o participante 2 “a importância da profissão em termos de status social não é muito boa, mas a importância da profissão na sociedade é outra coisa”. De acordo com o participante 12, o contabilista necessita de desempenhar as suas tarefas de forma responsável, honesta e ética e procurar sempre o aperfeiçoamento

pessoal e profissional para, com o seu trabalho, impor o status social que a profissão merece.

Quando se fala em imagem na sociedade, a participante 10 afirma que a sociedade não reconhece o valor que os contabilistas merecem e na opinião dos participantes 9 e 11 a sociedade ainda vê o contabilista como o tradicional “guarda-livros”. Mas, para a participante 6, os contabilistas tiveram, durante muito tempo, uma imagem “cinzenta” e pouco animadora, mas neste momento acredita que já tem uma imagem mais ativa e otimista. Segundo a própria mais “leve”, apesar de terem vindo a surgir alguns casos de fraudes, que estão a descredibilizar estes profissionais.

Neste contexto, as participantes 3 e 4 acreditam que a imagem do contabilista na sociedade é de pessoas pouco confiáveis, embora a participante 4 acredite que a profissão tem vindo a ganhar mais credibilidade, nos últimos anos.

Citando o participante 1 a imagem da profissão:

Não é, de todo, ótima, porque tem havido alguns casos esporádicos de contabilistas que tem prejudicado empresas e consequentemente a imagem da profissão. Mas qual a profissão que não tem casos semelhantes? Poderia dizer que no nosso caso, contabilistas certificados, a imagem é muito boa em relação aos casos que tem aparecido em sentido negativo.

A participante 7 acredita que os contabilistas têm a imagem de que efetuam um serviço necessário e que são cautelosos, rigorosos e metódicos. No mesmo sentido, para a participante 5 os contabilistas são vistos como um dos órgãos fundamentais de uma organização, pelo trabalho que fazem e também pela sua responsabilidade.

Por tudo isto, no geral, os participantes consideram que a imagem da profissão precisa ser alterada, nomeadamente ao nível da credibilização e da valorização/remuneração, referindo a importância da OCC nesse processo e o empenho de todos os profissionais.

Citando o participante 12:

Em primeiro lugar tem a OCC e todas as outras organizações associativas de intensificar a “imagem” de que o contabilista é um elemento importante e indispensável numa estrutura empresarial, seja ela pequena ou grande. Depois tem de ser os próprios profissionais a fazer entender aos empresários que o

contabilista não tem artes mágicas para não pagarem impostos. Cabe-lhes, também, fazer entender aos empresários que, querendo eles, os contabilistas podem ser um elemento de valor acrescentado.

O futuro da profissão

Questionados sobre quais as perspetivas para o futuro da profissão, de um modo geral, todos acreditam num bom futuro para a profissão de contabilista. O participante 2 foi perentório ao dizer, com 100% de certeza que qualquer contabilista que se forme tem emprego garantido, pelo menos, enquanto a profissão de contabilista for obrigatória. Pois, segundo citando o próprio “se deixasse de ser obrigatória eu arrisco me a dizer que perdia de 30 a 35 % dos meus clientes”. No mesmo sentido os participantes 1 e 3 afirmam, respetivamente, que “um contabilista tem sempre necessidade de melhorar as suas funções mas terá sempre um lugar assegurado nas atividades comerciais e industriais” e “apesar de toda a evolução informática, penso que será uma profissão sempre necessária, mas que exigirá grande adaptabilidade, principalmente de quem já exerce a profissão há algum tempo”. Também a participante 11 afirma que o que se adivinha será um aumento de oportunidades de trabalho e possivelmente mais valorizadas.

O papel do contabilista tem vindo a mudar ao longo dos tempos, no sentido de se adaptarem às necessidades das empresas, deixando de ser meros controladores de números e tornando-se conselheiros de negócios (Guerra et al. 2011; Warren e Parker, 2009). Neste sentido, também para os participantes 7 e 8 as perspetivas para o futuro passam por, cada vez mais, os contabilistas trabalharem como consultores, executarem mais trabalhos de gestão do que, propriamente, preenchimento e entrega de declarações. A este respeito relembra-se o trabalho de Morales e Lambert (2013), onde os autores alertam para o facto de as tarefas que os contabilistas executam serem incompatíveis com as identidades que os próprios aspiram. Neste sentido, para o participante 8 “com a simplificação e informatização dos processos, os utilizadores da informação contabilística conseguem obter dados sem intervenção do contabilista”, dando margem para que o contabilista execute mais tarefas ao nível da gestão e consultoria.

As participantes 4 e 6 acreditam que será uma profissão cada vez mais exigente e a participante 10 que será uma profissão cada vez mais importante. No mesmo sentido a

participante 9 acredita que a profissão está no caminho certo para ser uma “profissão de excelência, com muita competência, muita atualização de conhecimentos e um lugar de cada vez mais relevância nas empresas”.

Para a participante 5 só depende dos próprios contabilistas construir o futuro da profissão. O participante 12 foi mais expansivo afirmando que:

A profissão de contabilista está hoje implementada no meio académico, fazendo com que o perfil do contabilista seja de uma pessoa habilitada com conhecimentos de base teórica e técnica e preparada para uma integração pacífica com as empresas. O contabilista deve passar de um simples profissional, deixando a postura de quem executa o trabalho de forma mecânica, deixando de manter os seus conhecimentos somente na área em que atua, passando assim a ser um contabilista pró-ativo, empenhando-se em auxiliar os gestores/empresários a tomar as melhores decisões através do fornecimento de informação contabilística de forma simples e estruturada, estar sempre atualizado, saber adaptar-se às constantes mudanças técnicas e conceitos contabilísticos e procurar relacionar-se com as outras áreas adstritas à contabilidade, designadamente no planeamento fiscal. Não tendo de ser um informático, terá de ter conhecimentos alargados na área das ferramentas informáticas, sem as quais não poderá desempenhar as funções que a profissão lhe exige.

A identidade profissional

Como referido na revisão de literatura, entre as múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma especial importância (Dubar, 1997).

Assim, os participantes foram questionados sobre quais as fases ou momentos do seu percurso profissional que consideram mais importantes para o seu desenvolvimento profissional, ao que alguns participantes responderam, a formação, isto é os conhecimentos adquiridos na formação académica, mas, principalmente, os conhecimentos adquiridos na formação contínua (P1, P2, P3, P6, P8, P9), deixando a ideia que a necessidade de atualização, de estar continuamente informado, principalmente, sobre legislação passou a ser uma característica intrínseca aos profissionais de contabilidade. No entanto, a participante 9 alerta que “o percurso tem que ser contínuo, a formação é importantíssima. Mas, claro, a experiência, os problemas

que se vão enfrentando diariamente e a forma como os ultrapassamos é que nos faz crescer”.

Para os participantes 4 e 5 não existem fases mais importantes que outras, uma vez que em todas crescem, enquanto profissionais, mas a participante 5 destaca a “sorte”, palavras da própria, de trabalhar com a equipa da qual faz parte, uma vez que é com eles que aprende todos os dias.

Para a participante 7, as fases que mais a fizeram crescer profissionalmente foram o contacto com os clientes e os momentos de stress, no mesmo sentido o participante 2 afirma, quase em tom de brincadeira, que foram as primeiras fiscalizações da AT e justifica dizendo que nesses momentos viu o seu próprio trabalho posto à prova, principalmente, quando está em causa fechar ou não uma empresa. Segundo o próprio, nesse momento percebe-se a importância do rigor, da exigência e da honestidade no trabalho.

Para o participante 10, o fecho de contas do ano e o perspetivar do ano seguinte é o momento em que mais cresce profissionalmente, dado o seu gosto especial pela contabilidade de gestão. E a participante 11 destaca o estágio profissional de 9 meses com o momento fulcral para perceber o caminho que queria seguir.

O participante 12 destaca que a consciência interior e o “ter acreditado que com um trabalho honesto, de respeito, de transparência, de flexibilidade, de pro-atividade, de confidencialidade e de rigor técnico e o constante acompanhamento da legislação e a ética profissional, foram fundamentais para o seu desenvolvimento profissional”.

Quando questionados sobre quais as influências da dimensão pessoal na construção das suas identidades profissionais, o participante 1 começa por dizer que acaba por ser tudo, “porque colocamos um pouco de nós em tudo que fazemos”, adiantando que sempre foi uma pessoa organizada, que procura fazer tudo com brio e que tenta sempre não deixar as coisas que tem a fazer para o último dia e, segundo o próprio, nesta profissão não se pode ser procrastinador. Diz, ainda, que o seu trabalho, por vezes, é um pouco solitário e, também, essa característica está relacionado com o seu lado mais pessoal, mas, acima de tudo, é uma pessoa honesta e confiável, características que considera importantes para a profissão.

Para a participante 3 as suas características pessoais definem, desde logo, a sua vocação para a profissão. Considera-se uma pessoa atenta e perfeccionista, o que, segundo a própria, é extremamente útil para a profissão. Também a participante 4 afirma que a dimensão pessoal é o princípio de tudo e considera que tem características pessoais como perseverança, pró-atividade e capacidade de colaboração e de trabalho em equipa que estão relacionadas com a profissão.

A participante 6 refere que as influências familiares e o “berço” tiveram impacto na construção da sua identidade profissional, considerando que os valores transmitidos na sua educação são de extrema importância. No mesmo sentido a participante 7 refere o forte sentido de responsabilidade que lhe foi inculcado desde muito jovem e a admiração que sempre sentiu pelo seu pai, em todas as dimensões, inclusive a profissional, uma vez que ele é, também, contabilista. Refere que desde jovem aprendeu que um bom profissional deve ser organizado, honesto e confiável, características intrínsecas à profissão de contabilista. Também o participante 8 refere a família, dizendo que os pais lhe ensinaram a valorizar o trabalho e as pessoas. Por outro lado considera-se uma pessoa calma, paciente e exigente, características que, segundo o próprio, são úteis para a profissão.

A participante 9, a nível pessoal, considera-se uma pessoa exigente e perfeccionista, características que valoriza, também, a nível profissional. Refere também que é uma pessoa honesta e isso é “importantíssimo na profissão”. No mesmo sentido o participante 12 considera-se uma pessoa séria, exigente e perfeccionista, com forte sentido de respeito e honra pelos seus compromissos, características que são importantes na profissão.

Ao pedido para se definirem a eles mesmos, enquanto contabilistas, os participantes, no geral, responderam que são atentos, responsáveis, competentes, persistentes, perfeccionistas, empenhados, preparados e informados, organizados, sérios, idóneos, éticos, honestos, leais, cautelosos, rigorosos, esforçados, calmos, pacientes, pró-ativos, com forte capacidade de trabalhar em equipa e bons conselheiros.

As características que os participantes apontam a si mesmos são compatíveis com os resultados obtidos em diversos estudos analisados na revisão de literatura deste estudo, sobre como os contabilistas são vistos pelos outros, nomeadamente, o estudo de Costa (2011) que conclui que os contabilistas são vistos pelos administradores de empresas e

clientes de escritórios de contabilidade como inteligentes, éticos, responsáveis e bons conselheiros. Também o estudo de Gomes (2009) conclui que estes profissionais são vistos pelos alunos de ciências económicas da Universidade do Minho e do Instituto Superior de Contabilidade da Universidade do Porto como organizados, responsáveis, competentes e inteligentes.

Lopes (2014) concluiu que os alunos do secundário de diversas escolas do Alto Minho vêem os contabilistas como organizados, responsáveis, competentes mas maus conselheiros, o que, neste ponto, está em desacordo com os estudos referidos, anteriormente e, também, com o que os próprios contabilistas consideram ser uma qualidade sua. Parker (2000) concluiu que o estereótipo de contabilista pode ser descrito como masculino, introvertido, cauteloso, metódico, sistemático, antissocial e aborrecido. Os resultados a que chegou Parker não são compatíveis com as conclusões a que se chegou neste estudo, pois, por um lado, é perceptível que a profissão em Portugal é cada vez mais feminina, esta perceção é resultante da percentagem de mulheres na amostra mas também da visita a escritórios de contabilidade, onde maioritariamente se encontrou mulheres e da informação dada por alguns participantes que afirmam que as formações administradas pela OCC são cada vez mais frequentadas por mulheres, afirmando, em tom de brincadeira, que “as mulheres estão a começar a dominar a profissão”. Por outro lado, do contato frequente com estes profissionais durante a realização desta pesquisa foi possível perceber que, embora no que concerne à profissão queiram demonstrar uma imagem de seriedade, são pessoas bem-humoradas, muito comunicativas e extrovertidas.

Felton et al. (2007) após analisar 110 filmes com contabilistas como personagens concluíram, também, que são retratados como pacatos e aborrecidos, mas à semelhança do que os participantes deste estudo afirmaram sobre eles próprios, também nos filmes são retratados como pessoas honestas, confiáveis e integras.

4.3. Em Resumo

Neste capítulo, primeiramente, fez-se uma caracterização do perfil dos participantes no estudo. De seguida procurou-se compreender de que forma os participantes se apresentam em fotografia, realçando os pontos comuns e/ou únicos observados nas mesmas e apresentando as fotografias de alguns participantes. No ponto seguinte fez-se

uma síntese da informação recolhida nas entrevistas tendo por base os temas abordados nas mesmas.

No próximo capítulo são apresentados os principais resultados, onde se pretende responder às questões propostas no início do estudo. De seguida apresentam-se as limitações e contribuições do estudo e por último fazem-se algumas propostas para investigações futuras.

Capítulo V – Conclusão

O termo identidade desperta sempre interesse, pois a identidade é aquilo que de mais valioso o indivíduo tem (Dubar, 1997) e, além de interessar ao indivíduo comum, é um tema sobre o qual os cientistas sociais se debruçam regularmente, principalmente na área de Sociologia e Psicologia Social, como decorre da revisão de literatura. A problemática da identidade profissional é uma questão transversal à atuação de qualquer grupo profissional e a imagem pública do contabilista é uma questão bastante discutida, é uma preocupação que, segundo Carnegie e Napier (2010), existe há mais de 40 anos. Fenton et al. (2008) afirmam que a identidade profissional é uma questão de extrema importância para o contabilista, dado que esta é uma profissão onde os padrões éticos são muito elevados.

A melhor forma de analisar a identidade profissional de um grupo é questionar os elementos desse grupo sobre quem são e como se querem apresentar aos outros. Pois, tal como visto anteriormente, segundo Goffman (2002), a representação que o contabilista faz de si mesmo é uma fonte de impressões que este quer deixar aos outros, mas é, também, parte daquilo que ele é.

De forma a concluir a investigação, este último capítulo é dividido em quatro secções, primeiramente apresentam-se os principais resultados obtidos com o estudo realizado, respondendo às questões que foram propostas no início do trabalho e que norteiam esta investigação. Em segundo e terceiro lugar apresentam-se as principais limitações do estudo realizado e as contribuições que o mesmo acrescenta à literatura já existente. Por último são referidas algumas possibilidades de investigação futura, que se consideram pertinentes.

5.1. Principais resultados

O objetivo principal deste estudo foi tentar compreender a forma como se desenvolve o processo de construção da identidade profissional do contabilista. Decorrente deste objetivo pretendeu-se responder à seguinte pergunta de partida:

De que forma os contabilistas se apresentam através de fotografia e quais as dimensões que são valorizadas na construção da sua identidade profissional?

Analisadas as fotografias dos participantes pode concluir-se que, de uma forma geral, se apresentam no seu local de trabalho, mostrando os principais instrumentos de trabalho, nomeadamente, o computador, a impressora, a calculadora, o telefone, as pastas com documentos e restantes materiais de escritório. Os participantes fotografaram-se sentados atrás da sua secretária, sendo que cerca de metade olha diretamente para a fotografia e outra metade não. Nenhum participante se apresenta de sorriso aberto para a câmara, no entanto todos se apresentam com uma aparência cuidada e sóbria.

Os participantes, de forma geral, afirmaram não ter tido nenhum cuidado especial para tirar a fotografia e, portanto, as mesmas retratam o profissional igual ao que é no seu dia-a-dia, sem cuidados adicionais.

A realização das entrevistas permitiu concluir que para os participantes a sua vertente pessoal, isto é, o seu carácter está relacionado com aquilo que são enquanto profissionais, nomeadamente em aspetos como a responsabilidade e a honestidade. Concluiu-se, também, que consideram a formação, principalmente, a formação contínua como uma das dimensões que mais valorizam na construção da sua identidade profissional, afirmando que a necessidade de atualização de conhecimentos e de estarem informados, em particular, no que concerne à legislação fiscal, passou a ser uma característica intrínseca aos profissionais de contabilidade. Além da formação referem a experiência que vão adquirindo na resolução de problemas como os momentos em que mais crescem e se desenvolvem, enquanto profissionais.

Adicionalmente, os objetivos específicos visam investigar as informações observadas por meio das respostas sobre perceções intrínsecas à faixa etária, experiência profissional e género (sexo). Partindo dos objetivos enunciados e da pergunta central deste estudo, destaca-se algumas questões, que se pretende ver esclarecidas:

- Qual a motivação para a escolha da profissão de contabilista?
- Qual a importância da formação académica para construção da identidade, enquanto profissional?
- Que relação estabelece o contabilista com os seus pares e com os diversos atores do seu contexto laboral?
- Qual a importância da profissão de contabilista?

- Quais as influências da dimensão pessoal na construção da identidade profissional?
- Quais as perspectivas para o futuro da profissão de contabilista?

Relativamente aos objetivos específicos, não se encontraram evidências que permitam retirar conclusões intrínsecas ao género, faixa etária e experiência profissional. No entanto foi possível retirar uma série de conclusões que permitem conhecer melhor o grupo de profissionais em estudo.

A informação recolhida permitiu perceber que os participantes não tinham como objetivo inicial seguir a profissão de contabilista, mas acabaram por enveredar por essa área devido a oportunidades de trabalho que surgiram, principalmente, após a formação académica em Gestão ou antes de terem uma formação académica concluída, razão pela qual apenas dois participantes possuem uma Licenciatura em Contabilidade, na qual ingressaram após já trabalharem na área. Concluiu-se, também, que os participantes já trabalhavam na área antes de se profissionalizarem, isto é, antes de realizarem o exame de acesso à OCC.

Pode afirmar-se que maioria dos participantes não se sente, plenamente, realizado na profissão, uma vez que mais de metade dos participantes afirma que não voltaria a escolher a mesma profissão, e apenas um afirma com convicção que voltaria a fazê-lo. Os restantes colocam em dúvida.

As respostas dadas pelos participantes dividem-se quando questionados sobre se os clientes valorizam o seu trabalho, afirmando que o que mais os satisfaz é sentirem que o valorizem e, pelo contrário, sentem-se desiludidos quando isso não acontece. Relativamente aos colegas de profissão os participantes afirmam manter boas relações com outros contabilistas, caracterizando-as como relações amistosas, de proximidade, confiança, interajuda, cooperação, companheirismo, partilha e de respeito mútuo. Não deixam, no entanto, de referir como aspeto negativo, a concorrência desleal praticada, a nível de preços, por alguns colegas.

Em relação à formação adquirida os participantes consideram-na boa mas alertam para a necessidade de ser mais prática, à semelhança do trabalho com que se deparam no seu dia-a-dia. É, também, bastante perceptível a importância que estes profissionais dão à formação continua devido à necessidade de atualização de conhecimentos.

No que concerne à imagem da profissão na sociedade os participantes consideram que o contabilista não tem o status social de outros profissionais, como médicos, advogados ou engenheiros. Acreditam que durante muito tempo tinham uma imagem “cinzenta” e pouco animadora, mas neste momento acham que já tem uma imagem mais ativa e otimista. Poderá dizer-se mais “leve”, apesar do surgimento de alguns casos de fraudes, que estão a descredibilizar a profissão.

No entanto, os participantes acreditam que uma coisa é a imagem e outra é a importância e a profissão é muito importante na sociedade, uma vez que, como afirma o participante 12, “ela é o instrumento que fornece, ou deve fornecer, o máximo de informação útil para a tomada de decisões dentro e fora das empresas, por isso a grande responsabilidade que tem os contabilistas”. “Os contabilistas são um dos órgãos fundamentais de uma organização, pelo trabalho que fazem e também pela sua responsabilidade”, segundo acredita a participante 5. Além disso é o contabilista que estabelece a ponte entre o contribuinte e a Administração Fiscal, uma vez que toda a formalização das obrigações fiscais está a cargo deste. Com as constantes alterações a nível da informação fiscal o contribuinte recorre sempre ao contabilista, mesmo não sendo da sua responsabilidade.

Outra das conclusões retiradas prende-se com a importância da identidade pessoal dos profissionais, uma vez que as características intrínsecas à personalidade e carácter dos profissionais estão diretamente relacionadas com a sua identidade profissional. Os participantes afirmam que as características pessoais definem, desde logo, a sua vocação para a profissão. Referem, ainda, a importância dos valores transmitidos pela família na sua educação como base para serem bons profissionais, nomeadamente, a honestidade e a responsabilidade.

Enquanto profissionais definem-se como atentos, responsáveis, competentes, persistentes, perfeccionistas, empenhados, preparados e informados, organizados, sérios, idóneos, éticos, honestos, leais, cautelosos, rigorosos, esforçados, calmos, pacientes, pró-ativos, com forte capacidade de trabalhar em equipa e bons conselheiros.

De um modo geral e apesar de mais de metade dos participantes afirmarem que não voltariam a escolher a mesma profissão, todos acreditam num bom futuro para a mesma. Asseguram que qualquer pessoa que se forme terá trabalho na área, embora as

perspetivas para o futuro passem por, cada vez mais, os contabilistas trabalharem como consultores, executarem mais trabalhos de gestão do que, propriamente, preenchimento e entrega de declarações. Acreditam que será uma profissão, cada vez mais, exigente e, cada vez mais, importante e que está no caminho certo para, como afirma a participante 9, ser uma “profissão de excelência, com muita competência, muita atualização de conhecimentos e um lugar de cada vez mais relevância nas empresas”.

5.2. Limitações do estudo

Os objetivos principais deste estudo foram atingidos, no entanto, o mesmo apresenta algumas limitações. A primeira limitação prende-se com o facto de a amostra ser constituída, apenas, por 12 participantes e portanto não se pode generalizar as opiniões deste grupo e as conclusões. No entanto, o estudo demonstra a pertinência de alargar a pesquisa a todos ou a uma amostra representativa dos contabilistas certificados do país. Ainda neste ponto, é de referir a dificuldade em encontrar participantes para a amostra, pois o facto de incluir uma fotografia foi, em muitos casos, razão para recusarem o convite de participar no estudo.

Em segundo lugar pode dizer-se que neste tipo de estudo qualitativo a subjetividade do investigador está indiscutivelmente presente, bem como dos entrevistados. No presente estudo, uma vez que o pesquisador faz parte do grupo em análise houve o cuidado de criar um distanciamento de forma a não influenciar os resultados com as suas crenças pessoais. No entanto, na pesquisa qualitativa, sendo as respostas subjetivas e abertas a interpretação, existe sempre o risco de, por um lado, o pesquisador ter dificuldade em interpretar os dados e, por outro, tender a interpretar os dados de acordo com a conclusão pretendida.

Em terceiro lugar e, ainda, decorrente da escolha da pesquisa qualitativa através do uso da fotografia, é de referir a possibilidade de os participantes não se sentirem confortáveis o suficiente para divulgarem a sua imagem.

5.3. Contribuições do estudo

Este estudo contribui para a literatura existente na contabilidade, no que concerne à identidade e imagem do contabilista. Acrescenta informação sobre uma vertente menos estudada dentro do tema, que é o estudo da identidade e imagem do contabilista

segundo a visão e opinião dos próprios. Contribui, assim, para uma melhor compreensão da imagem do contabilista na sociedade, ao apresentar a que, segundo os mesmos, é a sua verdadeira imagem, dando ênfase tanto às suas características físicas e visuais, como às características intrínsecas à sua identidade pessoal e profissional e o que verte de uma para a outra. Além de tudo isto, este estudo contribui para um maior conhecimento do que realmente se passa no seio da profissão, dos medos e anseios dos profissionais, das dificuldades com que se deparam no seu dia-a-dia, do que mais os desilude e do que mais os satisfaz, o que se espera que possa, de alguma forma, contribuir para melhorar diversos aspetos inerentes à profissão.

Além disso, contribui para a utilização da metodologia visual, nomeadamente, em contabilidade, onde os primeiros passos já foram dados, mas, ainda, continua a ser pouco aproveitada, dadas as suas potencialidades como método de pesquisa. Espera-se que este método possa tornar-se uma opção mais utilizada em investigações futuras.

5.4. Possibilidade de investigação futura

Com a realização deste estudo foram surgindo linhas de investigação que parecem relevantes para a compreensão e maior conhecimento da construção da identidade profissional e imagem do contabilista, das quais se destacam como possibilidade de investigação futura, primeiramente, o alargamento da amostra, tornando um estudo, semelhante a este, mais completo. Em segundo lugar, seria interessante utilizar outro tipo de metodologia, como por exemplo a quantitativa, tendo como amostra os contabilistas. Neste contexto a amostra teria, obrigatoriamente, de ser muito maior do que neste estudo e, poderia fornecer informações extremamente relevantes para o conhecimento da profissão e do profissional de contabilidade.

Como já referido a utilização da metodologia visual é uma forte possibilidade para investigação futura, quer na área de contabilidade, quer noutras áreas ou no estudo de outras profissões. Dentro da metodologia visual, além da fotografia, existem outras ferramentas de recolha de dados, como imagens, símbolos, uma espécie de “passagem pelo espelho”, etc, que seria muito interessante utilizar em estudos na área da contabilidade e , também, noutras áreas.

Referencias Bibliográficas

- Abreu, W. C. (2001). Identidade, formação e trabalho. Das culturas locais às estratégias identitárias dos enfermeiros. Lisboa: Educa.
- Araújo, R. A. V. (2013). Abordagem qualitativa na pesquisa em administração: um olhar segundo a pragmática da linguagem. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 3-5 de Novembro de 2013.
- Baldvinsdottir, G., Burns, J., Norreklit, H. e Scapens, R. (2009). The image of accountants: from bean counters to extreme accountants. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 22(6), 858-882.
- Banduk, M. L. S., Ruiz-Moreno, L. e Batista, N. A. (2009). A construção da identidade profissional na graduação do nutricionista. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 13(28), 111-120.
- Baudrillard, J. (1988). *The consumer society*. London: Sage
- Barthes, R. (1984). *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Boni, P. C. e Moreschi, B. M. (2007). Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. *Doc. On-line*, 3, 137-157. Acesso em: www.doc.ubi.pt, em 26 de Setembro de 2016.
- Bougen, P. D. (1994). Joking apart: The serious side to the accountant stereotype. *Accounting, Organizations and Society*, 19(3), 319-335.
- Bradley, J. (1993). Methodological issues and practices in qualitative research. *Livrary Quarterly*, 63(4), 431-449.
- Bryman, A. e Bell, E. (2007). *Business research methods*. Oxford: Oxford University Press.
- Butler, C., Finniear, J., Doherty, A. M. e Hill, S. (2014). Exploring identity: a figurative character image-elicitation approach. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 9(2), 151-168.
- Byrne, M. e Willis, P. (2005). Irish secondary student's perceptions of the work of na accountant and the accounting profession. *Accounting Education: An International Journal*, 14(49), 367-381.

- Cabecinhas, R. e Lázaro, A. (1997). Identidade social e estereótipos sociais de grupos em conflito: Um estudo numa organização universitária. *Cadernos do Noroeste*, 10(1), Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, pp. 411-426.
- Caetano, A. (2007). Práticas fotográficas, experiências identitárias. A fotografia privada nos processos de re(construção) das identidades. *Sociologia, problemas e práticas*, 55, 69-89.
- Campos, R. (2011). Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. *Análise social*, 46(199), 237-259.
- Carnegie, G. e Napier, C. (2010). Tradicional accountants and business professionalsportraying the accounting profession after Enron. *Accounting, Organization and Society*, 35(3), 360-376.
- Ciampa, A. C. (1994). Identidade. *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 58-75.
- Cohen, L., Manion, L., e Morrison, K.. (2007). *Research methods in education* .6ª Ed. London: Routledge.
- Collier, J. (1957). Photography in anthropology: a report on two experiments. *American Anthropologist*, 59, 843–859.
- Cooper, D. J., e Robson, K. (2006). Accounting, professions and regulation: Locating the sites of professionalization. *Accounting, Organizations and Society*, 31(4), 415-444.
- Costa, C. (2011). Estudo exploratório sobre a percepção que os administradores têm dos contabilistas. Relatório de Estágio, Mestrado em Contabilidade, Universidade do Minho, Braga.
- Creswell, J. W. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman
- Croghan, R., Griffin, C., Hunter, J., Phoenix, A. (2008). Young people's constructions of self: Notes on the use and analysis of the photo-elicitation methods. *International Journal of Social Research Methodology*, 11(4), 345-356.
- Davison, J. (2011). Barthesian perspectives on accounting communication and visual images of professional accountancy. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*. 24(2), 250-283.

- Dijck, J. V. (2008). Digital photography: communication, identity, memory visual. *Visual Communication*, 7 (1), 57-76.
- Dimnik, T., e Felton, S. (2006). Accountant stereotypes in movies distributed in North America in the twentieth century. *Accounting, Organizations and Society*, 31(2), 129-155.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, 24, 213-225. Acesso em: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216/1859>, em 24 de Setembro de 2016.
- Dubar, C. (1997). A socialização – construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora.
- Dubar, C. (2006). A crise das identidades: A interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento.
- Dubois, P. (1998). O ato fotográfico e outros ensaios. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus
- Empson, L. (2004). Organization identity change: Managerial regulation and member identification in an accounting firm acquisition. *Accounting, Organizations and Society*, 29(8), 759-781.
- Epstein, I., Stevens, B., McKeever, P., Baruchel, S. (2006). Photo elicitation interview (PED): using photos to elicit children's perspectives. *International Journal of Qualitative Methods*, 5(3), 1-11.
- Erikson, E. H. (1972). Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar
- Esteves, A. (2012). A construção da identidade profissional do enfermeiro do bloco operatório. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Gestão Estratégica de Recursos Humanos, Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal.
- Evans, L., Fraser, I. (2012). The accountant's social background and stereotype in popular culture. The novels of Alexander Clark Smith. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 25(6), 964-1000.
- Felton, S., Dimnik, T., e Bay, D. (2007). Perceptions of accountants' ethics: Evidence from their portrayal in cinema. *Journal of Business Ethics*, 83(2), 217-232.

- Friedman, A. L., e Lyne, S. R. (2001). The beancounter stereotype: towards a general model of stereotype generation. *Critical Perspectives on Accounting*, 12(4), 423-451.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63.
- Goffman, E. (2002). A representação do eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 10ª ed, Petrópolis: Vozes.
- Gomes, M. (2009). Os Estereótipos associados aos Contabilistas e à Profissão Contabilística: o caso dos alunos de Ciências Económicas e Empresariais. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Contabilidade, Universidade do Minho, Braga.
- Gomes, M. D. P. C. (1995). Representações dos enfermeiros sobre as praticas de enfermagem. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Ciências da Educação, Área Formação e Desenvolvimento para a Saúde, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto.
- Giddens, A. (2004). Sociologia. 4ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gough, F., Grey, C. e Robson, K. (1998), Making Up Accountants: The Organizational and Professional Socialization of Trainee Chartered Accountants. Ashgate: Aldershot.
- Guerra, G. C. M., Shinzaki, K., Ichikawa, E. Y., Sachuk, M. I. (2011). A representação social da profissão de contador na perspectiva dos profissionais da contabilidade. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 5(12), 157-171.
- Guimarães, J. F. C. (2009). História (breve) da regulamentação da profissão de contabilista em Portugal. *Revista Contabilista/TOC*, 117, 30-43.
- Guran, M. (2012). Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica - Notas e reflexões. XII Premio Funarte Marc Ferrez de Fotografia. Acesso em: http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc_foto_pq.versao_final_27_dez.pdf, em 10 de Janeiro de 2017.
- Hall, E. (1986). A Dimensão Oculta. Lisboa: Relógio d'Água
- Hall, S. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A

- Hammami, H. e Hossain, M. (2010). Perceptions of the accountant held by business students and business professionals in an emerging country - The case of Qatar Education. *Business and Society: Contemporary Middle Eastern Issues*, 3(1), 48-62.
- Harper, D. (2002). Talking about pictures: a case for photo elicitation. *Visual Studies*, 17(1), 13-26.
- Hoffjan, A. (2004). The Image of the Accountant in a German Context. *Accounting and the Public Interest*, 4 (1), 62-89.
- Hunt, S. C., Falgiani, A. A., e Intrieri, R. C. (2004). The nature and origins of students' perceptions of accountants. *Journal of Education for Business*, 79(3), 142-148.
- Ibarra, H. (1999). Provisional selves: experimenting with image and identity in professional adaptation. *Administrative Science Quarterly*, 44(4), 764-791.
- Jacques, M. G. C. (1998). Identidade. In M. G. Jacques, M. N. Strey, N. M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos, T. M. Fonseca,(Eds), *Psicologia Social Contemporânea: Livro-texto* (pp. 159-167). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jarvinen, J. (2009). Shifting NPM agendas and management accountants' occupational identities. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 22(8), 1187-1210.
- Jeacle, I. (2008). Beyond the boring grey: the construction of the colourful accountant. *Critical Perspectives on Accounting*, 19(8), 1296-1320.
- Justo, J. S. e Vasconcelos, M. S. (2009). Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(3). Acesso em: www.revispsi.uerj.br/v9n3/artigos/pdf/v9n3a13.pdf, em 1 de Outubro de 2016.
- Krawulsky, E. (2004). Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as “metamorfozes do caminho” no exercício do cotidiano do trabalho. Dissertação de Pós-graduação. Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Lima, S. M. M., Hopfer, K. R. e Souza-Lima, J. E. (2004). Complementaridade entre racionalidades na construção da identidade profissional. *ERA-eletrônica*, 3(2), Art.19.
- Lopes, C. A. F. (2014). Estereótipo do contabilista e da profissão contabilística: o caso dos alunos do ensino secundário. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Contabilidade, Universidade do Minho, Braga.

- Low, M., Davey, H., e Davey, J. (2012). Tracking the professional identity changes of an accountancy institute: The New Zealand experience. *Journal of Accounting & Organisational Change*, 8(1), 4-40.
- Maanen, J. (1979). Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. *Administrative Science Quarterly*, 24(4), 520-526.
- Machado, H. V. (2003). A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análises. *RAC, Edição Especial*, 51-73.
- Major, M. J. e Vieira, R. (2009). Contabilidade e controlo de gestão. Teoria, Metodologia e Prática. Lisboa: Escolar Editora.
- Marconi, M. A. e Lakatos, E. M., (2010). Fundamentos de metodologia científica. 7ª Ed. São Paulo: Atlas
- Mauad, A. M. (1996). Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro. 1(2), 73-98.
- Miley, F. e Read, A. (2012). Jokes in popular culture: the characterisation of the accountant. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 25(4), 703-718.
- Minayo, M. C. S. (2001). Pesquisa social. Teoria, método e criatividade. 18ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- Moraes, J. J. S. (2007). A representação social do Contador e a imagem dele perante a sociedade. *Studia Diversa, CCAE-UFPB*, 1(1), 36-43.
- Morales, J. e Lambert, C. (2013). Dirty work and the construction of identity. An ethnographic study of management accounting practices. *Accounting, Organizations and Society*, 38(3), 228-244.
- Myers, R. (2002). How CFO's stretch boundaries. *Journal of Accountancy*, 193(5), 75-81.
- Nascimento, M. A. V. (2007). Dimensões da identidade profissional docente na formação inicial. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(2), 207-218.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*, São Paulo. 1 (3). 2ºSem./1996. Acesso em: ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/15482/2195/artigo_sobre_pesquis_a_qualitativa.pdf, em 26 de Setembro de 2016.

- Noland, C. M. (2006). Auto-photography as research practice: identity and self-esteem research. *Journal of Research Practice*, 7(1), Art. M1. Acesso em: <http://jrp.icaap.org/index.php/jrp/article/view/19/50>, em 24 de Setembro de 2016.
- Oliveira, M. B. P. (2010). Mudanças de práticas contabilísticas no sector público – o caso do Instituto do Vinho do Porto. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Contabilidade, Universidade do Minho, Braga.
- Opdenakker, R. (2006). Advantages and disadvantages of four interview in qualitative research. *Forum: Qualitative social research*, 7(4), Art.11. Acesso em <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0604118>, em 25 de Novembro de 2016.
- Paiva, G. J. (2007). Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. *Psico*, 38(1), 77-84.
- Parker, L. (2000). Goodbye, number cruncher! *Australian CPA*, 77(2), 50-52.
- Parker, L. (2009). Photo-elicitation: An ethno-historical accounting and management research prospect. *Accounting Auditing & Accountability Journal*, 22(7), 1111-1129.
- Parker, L. e Warren, S. (2013). The presentation of the self and professional identity: Countering the accountant's stereotype. *Interdisciplinary Research in Accounting Conference*, Kobe, 26-28 Julho 2013.
- Paz, T. R. S., Oliveira, M. O. (2013). Narrativas a partir da fotografia. *Pelotas*, 45(35-43).
- Pedro, A. J. M. D. (2011). Percursos e identidades. A (re)construção da identidade profissional do docente de enfermagem: o olhar dos docentes. Instituto de ciências da educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Preston, A.M., Wright, C. and Young, J.J. (1996). Imag[in]ing Annual Reports, *Accounting, Organizations and Society*, 21(1) 113-137.
- Quivy, R e Campenhoudt, L. V. (2003). Manual de investigação em ciências sociais. 3ª Ed. Lisboa: Gradiva.
- Ramos, I. G. e Cruz, J. O. (2009). A divulgação científica e a fotografia na transmissão do conhecimento científico. XXXII congresso brasileiro de ciências da comunicação. Curitiba, 4-7 Setembro 2009.

- Recuero, C. L. (2006). Fotografia: contraponto entre a narração da realidade e a sua compreensão. *Faro: revista teórica del departamento de ciências de la comunicación*, 2(3).
Acesso em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2124026>, em 29 de Novembro de 2016.
- Roberts, L. (2005). Changing faces: professional image construction on diverse organizational settings, *Academy of Management Review*, 30(4), 685-711.
- Rodrigues, L. e Gomes, D. (2002). Evolução da Profissão dos Técnicos de Contas: Do Marquês de Pombal até aos nossos Dias. *Jornal de Contabilidade*, 302, 131-141.
- Rodrigues, L., Gomes, D. e Craig, R. (2003). Aula do Comércio: primeiro estabelecimento de ensino técnico profissional oficialmente criado no Mundo? *Revista Contabilidade/TOC*, 34, 46-54.
- Rose, G. (2007). *Visual Methodologies*. 2ª Ed. London: Sage.
- Rowe, C., Birnberg, J. G., Shields, M. D. (2008). Effects of organizational process change on responsibility accounting and manager's revelations of private knowledge. *Accounting, Organizations and Society*, 33, 164-198.
- Santos, C. (2005). A construção social do conceito de identidade profissional. *Interacções*, 8, 123-144.
- Sartório, N., A. (2011). Potencialidades e limitações do uso da fotografia na pesquisa qualitativa de enfermagem. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências. Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M. e Silvaes, E. F. M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.
- Sêga, R. A. (2000). O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. Anos 90, Revista do programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 13. Acesso em: www.academia.edu/1453759/O_conceito_de_representa%C3%A7%C3%A3o_social_nas_obras_de_Denise_Joselet_e_Serge_Moscovici, em 1 de Dezembro de 2016.
- Smith, D. e Jacobs, K. (2011). "Breaking up the sky" The characterisation of accounting and accountants in popular music. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 24(7), 904-931.

- Spinel, P. K. e Pinheiro, O. J. (s.d.). A fotografia na ciência e na arte: alguns usos e processos. Acesso em: www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt017-afotografia.pdf, em 10 de Janeiro de 2017.
- Tajfel, H. (1983). Grupos humanos e categorias sociais. Tradução por Lígia Amâncio. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.
- Terêncio M. G. e Soares, D. H. P. (2003). A internet como ferramenta para o desenvolvimento da identidade profissional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 8(2), 139-145.
- Tyson, T. (2009). Discussion of photo-elicitation: an ethno-historical accounting and management research prospect. *Accounting, Auditing & Accountability Journal* 22(7), 1130-1141.
- Wang, C. e Burris, M. A., (1997). Photovoice: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education & Behavior*, 24(3), 369-383.
- Warren, S. (2005). Photography and voice in critical qualitative management research. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 18(6), 861-882.
- Warren, S. (2006). Hot nesting? A visual exploration of personalized workspaces in a 'hot-desk' office environment. In Case, P., Lilley, S., and Owen, T. (Eds), *The Speed of Organization, Advances in Organization Studies* (Book 19). Copenhagen: Business School Press, pp. 119-146.
- Warren, S. (2008), Empirical challenges in organizational aesthetics research: towards a sensual methodology. *Organization Studies*, 29(4), 559-80.
- Warren, S. (2009). Performance, emotion and photographic histories. A commentary on Professor Lee D. Parker's paper. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 22(7), 1142-1146.
- Warren, S., e Parker, L. (2009). Bean counters or bright young things?: Towards the visual study of identity construction among professional accountants. *Qualitative Research in Accounting and Management*, 6(4), 205-223.
- Wessels, P.L. e Steenkamp, L. P. (2009). An investigation into students' perceptions of accountants. *Meditari Accountancy Research*, 17(1), 117 – 132.
- Whetten, D. e Godfrey, P. (1998). Identity in Organizations. London: Sage Publications.

Apêndice I

GUIA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA:

- 1 - Que razões o levaram a escolher a profissão de contabilista?
- 2 - Voltaria a escolher a mesma profissão? Porquê?
- 3 - Que visão tinha da contabilidade antes de exercer a profissão? Mantém a mesma visão?
- 4 - Que dificuldades encontra hoje na profissão?
- 5 - O que mais o tem desiludido?
- 6 - E o que mais o satisfaz?
- 7 - Em relação aos conhecimentos específicos da profissão, quais considera mais importantes para atuar como contabilista?
- 8 - Considera que a sua formação académica foi a ideal, tendo em conta os desafios desta profissão? O que melhoraria?
- 9 - No seu percurso profissional quais as fases ou momentos que considera fundamentais para o seu desenvolvimento profissional?
- 10 - O que acha que os clientes esperam de si? Acha que valorizam o seu trabalho?
- 11 - Qual a relação que mantém com os seus pares e diversos atores do seu contexto de trabalho?
- 12 - Para si qual a importância que a profissão de contabilista tem para a sociedade em termos de status social? Porque?
- 13 – Qual é, na sua opinião, a imagem que a sociedade tem dos contabilistas?
- 14 – Considera que a imagem dos profissionais de contabilidade precisa ser alterada? Porquê e Como?
- 15 - Quais as perspetivas para o futuro da profissão de contabilista?
- 16 - Como se define a si mesmo, enquanto contabilista?
- 17 - Quais as influências da dimensão pessoal na construção da sua identidade, enquanto profissional?

18 – Quais as principais características que possui e que considera estarem relacionadas às que são úteis para a sua profissão?

19 – Que imagem pretende transmitir com a foto que tirou? Que cuidados teve ao tirar a fotografia? Por exemplo na escolha do espaço, da roupa, dos objetos, etc...

20 - Quer acrescentar mais alguma coisa?

Apêndice II

Representação que o contabilista faz de si mesmo

Participantes	Imagem	Entrevista
<p>Entrevistado 1 (P1)</p> <p>- Homem</p> <p>- 68 anos</p> <p>- Trabalhador independente e por conta de outrem</p> <p>- 55 anos de trabalho na área</p> <p>- Inscrito na OCC desde a sua criação</p>	<p>- Escritório</p> <p>- Secretária</p> <p>- Computador</p> <p>- Impressora</p> <p>- Telefone</p> <p>- Pasta Aberta</p> <p>- Documentos</p> <p>- Estante c/ pastas</p> <p>- Posição: Sentado</p> <p>- Olha para a foto</p> <p>- Óculos</p> <p>- Roupas: Blazer cinza e camisa azul</p>	<p>- “eu não gostava de estar em contacto com as pessoas e o público”;</p> <p>- “Um contabilista trabalhando por conta própria tem o problema da concorrência, muita deslealdade por parte de colegas no sentido de prestarem serviços iguais a preços muito inferiores”;</p> <p>- a fiscalidade está em revolução permanente, é difícil de acompanhar;</p> <p>- o que mais satisfaz é chegar ao fim do exercício e ver a empresa com resultados positivos;</p> <p>- “acho que valorizam o meu trabalho”;</p> <p>- com os colegas tenho relações amistosas, vamos trocando conhecimentos técnicos e profissionais;</p> <p>- “a nossa profissão está cotada como uma das mais prestigiadas do país”;</p> <p>- apesar de situações esporádicas de contabilistas que denigrem a imagem da profissão, penso que no geral é muito boa;</p> <p>- “Um contabilista tem sempre necessidade de melhorar as suas funções mas terá sempre um lugar assegurado nas actividades comerciais e industriais”;</p> <p>- “As influencias pessoais?? Acaba por ser tudo porque colocamos um pouco de nós em tudo que fazemos”.</p> <p>- “E nesta profissão não podemos ser procrastinadores, nunca devemos deixar para o ultimo dia”;</p> <p>- “Algumas vezes é um trabalho um pouco solitário e isso também tem a ver com as minhas características pessoais”;</p> <p>- “Antes de tudo sou uma pessoa honesta. Sou uma pessoa em quem se pode confiar e isso é muito importante nesta profissão”.</p>
<p>Entrevistado 2 (P2)</p> <p>- Homem</p>	<p>- Escritório</p> <p>- Secretária</p> <p>- Computador</p>	<p>- “na prática, hoje, um contabilista é um cobrador de impostos”;</p> <p>- “não me lembro, exactamente, porque escolhi contabilidade mas achei interessante”;</p> <p>- “somos bombardeados com tudo, qualquer correspondência ou qualquer conversa de café”;</p>

<p>- 38 anos</p> <p>- Socio-gerente de escritório de contabilidade</p> <p>- 20 anos de trabalho na área</p> <p>- Inscrito na OCC desde 2003</p> <p>Entrevistado 3</p>	<p>- Impressora</p> <p>- Livros</p> <p>- Documentos (Imagens de gráficos)</p> <p>- Posição: Sentado</p> <p>- Não olha para a foto</p> <p>- Roupas: Camisa branca com riscas</p> <p>- Escritório</p>	<p>- “em vez de acabarem no consultório dum psiquiatra, acabam no gabinete do contabilista”;</p> <p>- “Eu gosto mesmo de contabilidade mas aquela definição, aquele conceito de contabilista eu acho que não sou, sou mais, se calhar, consultor, é mais isso que eu faço”;</p> <p>- “Quando digo consultor não é tanto pela definição, mas pela diversidade, pelo leque de opções que podemos tirar daí”;</p> <p>- “Mas a ideia que tenho e vou continuar a ter é que o contabilista é o braço direito do administrador”;</p> <p>- “As dificuldades que encontro hoje na profissão são as obrigações declarativas são uma enormidade”;</p> <p>- “Os conhecimentos são importantes como base, mas a maior parte deles são impossível de usar na pratica. Mais importante que os conhecimentos específicos da profissão é a legislação”;</p> <p>- “. No curso profissional os meus professores tinham gabinetes, no superior eram académicos”;</p> <p>- “As primeiras fiscalizações da AT. Estas a ver o teu trabalho a ser posto à prova. Principalmente quando esta em causa fechar uma empresa ou não”;</p> <p>- “eles esperam tudo de nos, é impressionante é as cartas do tribunal, da meo, trazem tudo. Esperam que o contabilista resolva todos os problemas e o contabilista nunca cobra a consulta, se fosse um advogado...”;</p> <p>- “Eu acho que valorizam o nosso trabalho, a maior parte deles sim...”;</p> <p>- Nunca tive problemas com colegas.</p> <p>- “Sabemos que ela não é muito boa. Mas a importância é outra coisa. Não em termos de status mas mesmo em termos de importância”;</p> <p>- A imagem da profissão “precisa ser alterada sim”;</p> <p>- “100% que qualquer contabilista que se forme tem emprego”;</p> <p>- “Enquanto puserem a profissão de contabilista for obrigatória o futuro esta garantido. Se deixasse de ser obrigatória eu arrisco me a dizer que perdia de 30 a 35 % dos meus clientes”;</p> <p>- Penso que não voltaria a escolher a mesma profissão, não era o que realmente gostava de fazer. Fui aprendendo a gostar com o tempo;</p>
---	---	---

<p>(P3)</p> <p>- Mulher</p> <p>- 36 anos</p> <p>- Trabalhador por conta de outrem</p> <p>- 9 anos de trabalho na área</p> <p>- Inscrito na OCC desde 2015</p>	<p>- Computador (Imagens de gráficos)</p> <p>- Calculadora</p> <p>- Documentos</p> <p>- Estante c/ pastas</p> <p>- Posição: Sentada</p> <p>- Olha para a foto</p> <p>- Roupas: blazer azul escuro e blusa azul claro</p>	<p>- De uma maneira geral as pessoas não vêem o contabilista como uma mais valia na empresa;</p> <p>- As maiores dificuldades que encontro são o excesso de burocracia e de exigências fiscais;</p> <p>- Os conhecimentos específicos que considero mais importantes são inerentes à fiscalidade e direito fiscal;</p> <p>- A relação que mantenho com os colegas é de interajuda e cooperação;</p> <p>- O status da profissão não é dos mais elevados, por vezes os próprios contabilistas denigrem a imagem da profissão;</p> <p>- A sociedade acredita que não somos pessoas de muita confiança. E espera que arranjemos uma forma de “fugir” aos impostos;</p> <p>- Como características pessoas: “extremamente responsável e perfeccionista”.</p>
<p>Entrevistado 4 (P4)</p> <p>- Mulher</p> <p>- 34 anos</p> <p>- Trabalhador Independente</p> <p>- 12 anos de trabalho na área</p> <p>- Inscrito na OCC desde 2004</p>	<p>- Escritório</p> <p>- Secretária</p> <p>- Computador</p> <p>- Documentos</p> <p>- Impressora</p> <p>- Posição: Sentada</p> <p>- Olha para a foto</p> <p>- Sorriso tímido</p> <p>- Óculos</p> <p>- Roupas: camisola vermelha</p>	<p>- Mais do que elaborar relatórios e relatar a situação financeira da empresa a nossa profissão é importante para a tomada de decisão;</p> <p>- “A sobrecarga e sobreposição de informação de natureza fiscal, que nem sempre permitem a melhor dedicação à componente contabilística”;</p> <p>- Relativamente aos conhecimentos específicos penso que a área da fiscalidade é a mais importante;</p> <p>- Valorizam o meu trabalho, esperam seriedade e um serviço atempado e de qualidade;</p> <p>- Com os colegas existe um “respeito mútuo e a cooperação tendo em conta as regras éticas e morais”;</p> <p>- A nossa profissão tem vindo a ganhar mais credibilidade;</p> <p>- “Identificam este profissional como alguém que para além de fazer contabilidade e tratar de questões fiscais, detém competências para dar soluções a questões burocráticas e administrativas”;</p> <p>- “Parece-me que será uma profissão cada vez mais exigente”;</p> <p>- “Procuro ser exigente comigo e estar preparada e informada, percebendo sempre os meus limites”;</p>

<p>Entrevistado 5 (P5)</p> <p>- Mulher</p> <p>- 25 anos</p> <p>- Trabalhador por conta de outrem</p> <p>- 4 anos de trabalho na área</p> <p>- Inscrita na OCC desde 2015</p>	<p>- Foto-montagem</p> <p>- Foto de face</p> <p>- Olha para a foto</p> <p>- Sorriso Tímido</p> <p>- Roupa: blusa rosa</p> <p>- Balões com objectos importantes para o trabalho</p> <p>(Calculadora, pastas, computador e calendário)</p> <p>- Foto diferente e original</p>	<p>- Como características pessoais destaco: “perseverança, a pró-atividade e a capacidade de colaboração e de trabalho em equipa”.</p> <p>- “Profissão essencial para assessorar as empresas e empresários na tomada de decisão. Mais do que simplesmente elaborar e relatar a situação financeira da empresa, é também essencial assessorar nas previsões a curto médio prazo”;</p> <p>- A maior dificuldade é a “sobrecarga e sobreposição de informação de natureza fiscal, que nem sempre permitem a melhor dedicação à componente contabilística”;</p> <p>- O que mais me satisfaz é “a melhoria qualitativa do perfil dos profissionais de contabilidade”;</p> <p>- “Parece-me que a área da fiscalidade é a mais importante”;</p> <p>- “Mais importante que os conhecimentos e habilitações profissionais que são exigidos para ingressar na profissão, considero que é importante estar atento às mudanças e reciclar competências”;</p> <p>- Acho que os clientes valorizam o meu trabalho. Esperam seriedade e um serviço atempado e de qualidade;</p> <p>- Com os colegas há um respeito mútuo e uma cooperação tendo em conta as regras éticas e morais;</p> <p>- A sociedade vê a profissão com alguma falta de credibilidade, embora isso tenha vindo a melhorar;</p> <p>- “Considero que deve ser melhorada quer ao nível da credibilização quer ao nível da valorização/ remuneração mas, esse é um trabalho que passa muito por cada um de nós”;</p> <p>- “Parece-me que será uma profissão cada vez mais exigente”;</p> <p>- “Para mim a dimensão pessoal faz toda a diferença em qualquer profissão uma vez que é através dela que surgem os diversos tipos de profissionais”;</p> <p>- “Do meu ponto de vista a formação pessoal é o princípio de tudo”.</p>
<p>Entrevistado 6 (P6)</p>	<p>- Escritório</p> <p>- Secretária</p>	<p>- Não voltaria a escolher a mesma profissão;</p> <p>- A contabilidade produz informação fundamental para uma boa gestão;</p>

<p>- Mulher - 53 anos - Trabalhador Independente - 36 anos de trabalho na área - Inscrito na OCC desde 1988</p>	<p>- Pasta aberta - Calculadora - Telefone - Entrevistado não aparece na foto</p>	<p>- As maiores dificuldades prendem-se com as muitas e alterações fiscais e os curtos prazos de cumprimento da obrigação das mesmas; - O empresário acha que “o contabilista é tão bom quanto menos impostos apresentar para pagar”; - O que mais satisfaz é o valor da informação que fornece; - É importante uma formação constante; - A formação foi boa, mas falta componente pratica; - Alguns clientes valorizam, outros “esperam milagres”; - Boa relação com os seus pares; - O contabilista já não tem uma imagem tão “cinzenta” na sociedade, hoje é visto como mais ativo e otimista, apesar de alguns casos de fraude que descredibilizam a profissão; - A imagem ainda precisa ser melhorada em alguns aspetos; - As perspectivas para o futuro são boas, dadas as crescentes responsabilidades e a recente obrigatoriedade de contabilistas no sector publico; - Profissional idónea e organizada, onde a influência familiar teve peso na construção da sua identidade; - A preocupação na foto foi mostrar as ferramentas indispensáveis no trabalho;</p>
<p>Entrevistado 7 (P7) - Mulher - 39 anos - Socio-gerente escritório de contabilidade - 13 anos de</p>	<p>- Escritório - Secretária - Computador - Pasta aberta - Documentos - Mat. Escritório - Quadro - Está em pé</p>	<p>- Escolheu a profissão para dar seguimento a empresa familiar; - Não voltaria a escolher a mesma profissão; - A maior dificuldade é a exigência dos clientes e os curtos prazos de cumprimento de obrigações fiscais; - O que mais satisfaz é o reconhecimento dos clientes; - Os conhecimentos contabilísticos, fiscais e a experiencia na resolução de problemas é o mais importante; - A formação académica é muito teórica, deveria haver uma componente mais prática; - Lidar com situações de stress com os prazos, obrigações e problemas dos clientes é o que mais contribui para o desenvolvimento profissional;</p>

<p>trabalho na área - Inscrito na OCC desde 2003</p>	<p>- Não olha para a foto - Sorriso - Roupa: Vermelha - Óculos - Loira - Foto original - Ideia de estar a cumprimentar</p>	<p>- Uns clientes valorizam, outros não; - Com os pares mantem uma relação de respeito mútuo; - O contabilista tem uma imagem de que efectua um serviço necessário, sendo cautelosos, rigorosos e metódicos; - A sociedade ainda não alterou a imagem antiquada que tem do contabilista; - As perspectivas para o futuro passam pela consultoria; - Responsável, organizada, cautelosa que tenta orientar os clientes de forma correta e legal; - Não houve cuidados adicionais na foto.</p>
<p>Entrevistado 8 (P8) - Homem - 29 anos - Trabalhador independente e por conta de outrem - 4 anos de trabalho na área - Inscrito na OCC desde 2013</p>	<p>- Foto da face em primeiro plano - Olha para a foto - Sorriso tímido - Roupa: fato e gravata - Escritório - Secretária - Computador - Estante com pastas - Planta</p>	<p>- A escolha da profissão deveu-se a procura de estabilidade financeira; - Não voltaria a escolher a mesma profissão; - Muito exigente a nível de prazos e penalizações e pouco remunerada e valorizada; - A maior dificuldade é manter os conhecimentos atualizados perante alterações constantes nas leis; - O que mais desilude é o pouco respeito e valorização por parte dos clientes; - O que mais satisfaz é fazer parte do sucesso do cliente; - Os conhecimentos mais importantes, além do contabilístico e fiscal, passam por softwares informáticos, SNC e código do trabalho; - A formação académica foi boa, mas era importante haver uma componente mais prática; - O mais importante para o desenvolvimento profissional foi a formação especializada; - Os clientes não valorizam o nosso trabalho; - Com os pares mantem uma relação de proximidade e interajuda; - A importância em termos de status social se existiu, tem vindo a diminuir; - O contabilista é visto como uma obrigação e não como mais-valia;</p>

<p>Entrevistado 9 (P9)</p> <p>- Mulher</p> <p>- 38 anos</p> <p>- Não exerce a profissão</p> <p>- 4 anos de trabalho na área (2003 a 2007)</p> <p>- Inscrita na OCC desde 2001</p>	<p>- Secretária</p> <p>- Computador</p> <p>- Livros/ Códigos Fiscais / SNC</p> <p>- Posição: Sentada</p> <p>- Não olha para a foto</p> <p>- Roupa: Escura/preta</p>	<p>- A imagem do contabilista precisa de ser alterada;</p> <p>- As perspectivas para o futuro passam pelo aumento do apoio à gestão e diminuição de preenchimento de obrigações fiscais;</p> <p>- Competente, rigoroso, ético, paciente, calmo e exigente;</p> <p>- “Não voltaria a escolher a profissão de contabilista”;</p> <p>- É uma profissão com muito trabalho e pouco valorização;</p> <p>- As maiores dificuldades são o desleixo de alguns clientes, os prazos e as mudanças constantes;</p> <p>- O que mais me satisfaz é a confiança e valorização dos clientes;</p> <p>- Os conhecimentos mais importantes são o conhecimento da legislação aplicável;</p> <p>- a formação foi a ideal e a obrigatoriedade da formação continua é uma mais-valia;</p> <p>- Os clientes esperam “milagres”;</p> <p>- Valorizam pouco o nosso trabalho;</p> <p>- A relação com os colegas é de companheirismo;</p> <p>- Em termos de status social estamos a conseguir mais notoriedade profissional;</p> <p>- A imagem precisa ser alterada mas não somos nós que temos de mudar;</p> <p>- A profissão está no caminho certo para ser uma profissão de excelência;</p> <p>- Atenta, exigente, perfeccionista e boa conselheira e honesta.</p>
<p>Entrevistado 10 (P10)</p> <p>- Homem</p> <p>- 27 anos</p>	<p>- Escritório</p> <p>- Secretária</p> <p>- Computador</p> <p>- Calculadora</p>	<p>- Não voltaria a escolher a mesma profissão. A profissão não é respeitada;</p> <p>- Sem os princípios da contabilidade não é possível uma entidade perspectivar o futuro;</p> <p>- A maior dificuldade é a falta de apoio por parte das entidades, tanto empresas, como até mesmo do Estado;</p> <p>- O que mais me desilude é a falta de reconhecimento. As empresas vêm-nos como uma obrigação;</p>

<p>- Trabalhador por conta de outrem - 4 anos de trabalho na área - Inscrito na OCC desde 2012</p>	<p>- Telefone - Mat. Escritório - Documentos - Não olha para a foto - Roupa: camisa azul</p>	<p>- o que mais me satisfaz é os clientes levarem em consideração e seguirem os nossos conselhos; - Hoje em dia os conhecimentos de fiscalidade e contabilidade analítica são os mais importantes; - Mantenho uma relação de confiança com os meus pares; - A sociedade não reconhece o valor que merecemos; - No futuro será uma profissão cada vez mais importante; - Persistência e trabalho.</p>
<p>Entrevistado 11 (P11) - Mulher - 40 anos - Trabalhador por conta de outrem - 13 anos de trabalho na área - Inscrita na OCC desde 1999</p>	<p>- Escritório - Secretária - Computador - Calculadora - Telefone - Mat. Escritório - Documentos - Pasta Aberta - Armário com pastas - Posição: sentada - Não olha para a foto - Óculos - Roupa: Camisa e</p>	<p>- Talvez voltasse a escolher a mesma profissão; - “Mantenho a mesma visão que se trata de um trabalho gratificante por fornecer elementos de decisão importantes à gestão das empresas, no entanto, não é valorizado e reconhecido”; - “É um trabalho desgastante, com elevado nível de responsabilidade, que exige constante atualização de conhecimentos, capacidade de comunicação e de lidar com situações de tensão, e que geralmente é mal pago”; - O que mais me desilude é o contabilista ser responsabilizado pela má gestão das empresas, pela carga fiscal e por todos os problemas de natureza fiscal; - A satisfação de contribuir para uma boa gestão das empresas; - o que é mais valorizado é a resolução de problemas, o planeamento fiscal; - Com os colegas mantenho uma boa relação, de interajuda e partilha; - Ainda existe algum preconceito, sendo visto como a figura “o guarda-livros” ou como o “responsável” pelos desvios ou falências das empresas; - O futuro trará novas oportunidades de trabalho e possivelmente mais valorizadas; - Profissional muito exigente, com grande sentido de responsabilidade, esforçada e leal; - A necessidade de organização, necessidade de gestão e interpretação de dados, o gosto pelos números, por análise de documentos;</p>

<p>Entrevistado 12 (P12)</p> <p>- Homem</p> <p>- 59 anos</p> <p>- Socio-gerente escritório de contabilidade</p> <p>- 35 anos de trabalho na área</p> <p>- Inscrito na OCC desde 2000</p>	<p>blazer azul</p> <p>- Escritório</p> <p>- Secretaria</p> <p>- Computador</p> <p>- Telefone</p> <p>- Calculadora</p> <p>- Material escritório</p> <p>- Pasta aberta</p> <p>- Documentos</p> <p>- Quadro</p> <p>- Posição: sentado</p> <p>- Não olha para a foto</p> <p>- Óculos</p> <p>- Roupas: Camisola vermelha</p>	<p>- “Associo sempre a profissão com uma imagem sóbria, de descrição, mas também de elegância”.</p> <p>- Gosto pelos números e formação em ciências empresariais;</p> <p>- Não voltaria a escolher a mesma profissão;</p> <p>- “Já a exercer a profissão, senti que a mesma poderia, desde que estruturalmente organizada, ser também um instrumento de auxílio à atividade/negócio das empresas”;</p> <p>- A maior dificuldade é o acompanhamento permanente da legislação e fazer perceber que o contabilista é um parceiro importante numa organização e a sua atuação deve ser vista como um investimento;</p> <p>- O que mais me tem desiludido é “a desvalorização por parte dos empresários do papel do contabilista na empresa”;</p> <p>- O que mais me satisfaz é “a parte planificação e a análise dos números e a sua interação com a informática, como meio de inovação e desenvolvimento dos processos de gestão”;</p> <p>- O reconhecimento por partes de algumas entidades da importância do contabilista no tecido empresarial;</p> <p>- Capacidade de acompanhar, analisar e interpretar a complexidade da legislação, designadamente a legislação fiscal;</p> <p>- Com um trabalho honesto, de respeito, de transparência, de flexibilidade, de pro-atividade, de confidencialidade e de rigor técnico e que o constante acompanhamento da legislação e a ética profissional, são fundamentais para o desenvolvimento profissional;</p> <p>- O contabilista continua a ser visto, pela maioria dos empresários, como o “gerador de impostos para as empresas”;</p> <p>- Relação profissional pró-ativa, de interação, de proximidade e de bom amigo. Relação de respeito profissional.</p> <p>- “O contabilista necessita de desempenhar suas tarefas de forma responsável, honesta e ética e buscar sempre o aperfeiçoamento pessoal e profissional para, com o seu trabalho, impor o status social que a profissão merece”;</p> <p>- “O contabilista ainda é visto, por muitos dos empresários, como aquele profissional que apenas trás impostos para o empresário pagar, regista documentos e processa/entrega declarações fiscais”;</p> <p>- Sem dúvida que a imagem do contabilista precisa ser alterada. OCC e outras associações, precisam trabalhar nesse sentido;</p> <p>- Um profissional responsável, amigo do rigor técnico e da seriedade</p>
--	---	---

